**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES**
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**KARINA SILVA CABRAL**

# 25 ANOS DE HISTÓRIA: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O FISICULTURISMO EM MATO GROSSO

**Cuiabá**
**2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES**
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**KARINA SILVA CABRAL**

# 25 ANOS DE HISTÓRIA: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O FISICULTURISMO EM MATO GROSSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para obtenção do diploma de bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da Universidade Federal de Mato Grosso.

**Orientador:** Prof. Mestre Thiago Cury Luiz

**Cuiabá**
**2016**

**25 ANOS DE HISTÓRIA: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O FISICULTURISMO EM MATO GROSSO**

**KARINA SILVA CABRAL**

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

_____

**Prof. Ms. Thiago Cury Luiz**

Universidade Federal de Mato Grosso

_____

**Profª. Ms. Juliana Arini**

Universidade Federal de Mato Grosso

_____

**Profª. Ms. Carolina Rodrigues Freitas**

Universidade Federal de Mato Grosso

## AGRADECIMENTOS

Nunca acreditei que ninguém pudesse ser feliz sozinho, tão menos acredito que esse alguém possa chegar a algum lugar sem nenhuma mão para segurar. Por esse motivo, eu jamais teria feito esse trabalho se não fosse quem sou hoje e jamais seria quem sou hoje se não tivesse ao meu redor pessoas que ajudaram a moldar meu caráter, minhas habilidades e todo o meu ser. E, por isso, agradeço.

Pode parecer clichê, mas agradeço primeiramente a Deus, que me deu a vida e colocou em mim a vontade de ser jornalista e fisiculturista e ao meu redor pessoas que me proporcionaram essas experiências. Agradeço a meus guias, às entidades e orixás, que me ajudaram a alcançar tudo o que sonhei e finalizar com êxito cada um de meus planos.

Agradeço a meu pai, que há 22 anos vive para me fazer sorrir e moldou cada detalhe de quem sou. Agradeço por cada noite que ficou no pé da minha cama para não me deixar sozinha, por cada dia que trabalhou para que eu pudesse estudar, por cada vez que me deu a certeza de que eu podia ser tudo o que eu quisesse e não pouparia esforços para me ajudar.

Agradeço a minha mãe, que dividiu minhas dores comigo e em sua simplicidade fez muito mais do que podia para me ajudar a ir sempre além do que eu acreditava poder. Aquela de quem sou a cópia e que, ainda assim, todos os dias tentou me fazer ser melhor. Agradeço por seu amor incondicional a mim.

Agradeço a meus irmãos, parentes, cunhada, amigos e segundos pais, que acreditaram, rezaram e torceram por cada coisa que eu escolhi viver e acham, de coração, que sou a melhor em tudo que faço, seja jornalista, seja fisiculturista.

Agradeço aos amigos que fiz na UFMT, que durante os quase cinco anos de curso nunca me deixaram sozinha. Em especial, Daniel, Thiago e Elisa. Dani, obrigada por ter sido meu alicerce durante todos esses anos e por aquela vez que sentou no chão do saguão ao meu lado para me mostrar que se eu fosse chorar, não seria sozinha. Thiago, obrigada por cada sorriso que tirou de mim e por ter cuidado tão bem dessa menina mimada durante todos esses anos. Elisa, obrigada por cada aprendizado, cada puxão de orelha e por cada vez que falou: “Você não vai desistir, porque eu não vou deixar!”. Aos demais, obrigada por sempre me estenderem a mão, me doarem o tempo, os ouvidos e os abraços.

Agradeço a meus professores universitários, que, com enorme humanidade, entenderam minhas limitações, compreenderam minhas crises e, muitas vezes, até limparam minhas lágrimas. Em especial, ao meu orientador Thiago Cury Luiz, que aceitou brigar comigo por meu tema desde que ainda estava somente no projeto e aguentou meus e-mails e

mensagens desesperadas quando me sentia perdida. Agradeço também aos professores que tive por toda minha vida, em especial às professoras Sandra e Ana Maria, que durante ensino fundamental e médio me adotaram como filha e fizeram nascer minha paixão pelo Jornalismo antes mesmo da faculdade.

Agradeço ao Kinssinger, ao Cristovão e a cada fisiculturista e dirigente que doaram seu tempo e história para meu documentário e acreditaram que a pseudo bikini seria capaz de mostrar o amor a um esporte tão lindo e difícil. Kin, você foi um divisor de águas em minha vida. Foi treinador, pai, amigo e conselheiro. Obrigada por acreditar tanto em mim.

Por fim, embora não menos importante, agradeço a meu namorado Lucas, que deveria receber um diploma junto a mim de tanto que foi essencial para meu TCC. Agradeço pelas noites que passou acordado comigo, pelos dias inteiros de gravação, que deixou sua vida de lado para me acompanhar, pelas dezenas de vezes que me viu aos prantos e me deu a certeza de que eu iria conseguir e pelas centenas de vezes que me deixou ler para você os mesmos textos (em especial meu roteiro), para ter certeza de que estavam fazendo sentido. Obrigada por ter me dado tantos abraços, ter se dedicado tanto a mim e ter me amado até mesmo nos dias que nem eu conseguia mais me amar.

Dedico este trabalho a cada fisiculturista desvalorizado, sem patrocínio
e que sobe no palco somente por amor ao fisiculturismo.

*Existe o mundo das pessoas normais e existe o mundo dos fisiculturistas.*

*Você nunca será um fisiculturista, se não sair do mundo das pessoas normais.*

**Kinssinger Alencastro**

## RESUMO

CABRAL, Karina S. **25 anos de história:** um documentário sobre o fisiculturismo em Mato Grosso. Trabalho de Conclusão de Curso. Cuiabá: UFMT, 2016.

O presente trabalho traz a revisão bibliográfica necessária para a realização do documentário "25 anos de história do fisiculturismo em Mato Grosso", que apresenta um esporte até então pouco conhecido, o fisiculturismo. Além disso, fala sobre documentário, suas características e uma visão geral do que seria essa forma de produzir cinema, além de elementos presentes no jornalismo esportivo, o nascimento do esporte e desse gênero jornalístico. O objetivo é apresentar uma base teórica para justificar a realização do produto, o filme. O resultado da pesquisa é mostrado no documentário, que apresenta uma história narrada por personagens reais, que vivenciaram os 25 anos desde que a *International Federation of Bodybuilding and Fitness (*IFBB) chegou ao Estado.



**Palavras-chave:** Fisiculturismo, Mato Grosso, IFBB, Documentário.

**SUMÁRIO**

CAPÍTULO I ..... 12
**REFERENCIAL TEÓRICO ..... 12**
1.1 Documentário ..... 12
1.2 Jornalismo Esportivo.....18
1.3 Fisiculturismo.....22
1.3.1 Breve resumo da história do fisiculturismo no Brasil.....23
1.4 O culto ao corpo.....26

CAPÍTULO II ..... 28
**PROPOSTA E ENTREVISTADOS..... 28**
2.1 Proposta ..... 28
2.2 Entrevistados.....28

CAPÍTULO III.....30
**PÚBLICO E MONTAGEM.....30**
3.1 Próximos encaminhamentos.....30
3.2 Pré-roteiro.....30

CAPÍTULO IV.....33
**RELATÓRIO DAS ATIVIDADES.....33**
4.1 Pesquisa bibliográfica.....33
4.2 Entrevistas.....35
4.3 Dificuldades encontradas.....37
4.3.1 Joás Dias.....37
4.3.2 Bianca e Linielson.....38
4.3.3 Beivilaque, Josevan Clemente, Silvana Alves e Greison Figueiredo.....39
4.3.4 Problemas com a lapela.....39
4.4 Mulheres no fisiculturismo em Mato Grosso.....39
4.5 Edição.....40

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....41**

**REFERÊNCIAS.....42**

**ANEXOS.....45**

Roteiro 1.....45

Roteiro 2.....67

# INTRODUÇÃO

O objeto a que se refere este trabalho é a história do fisiculturismo no estado de Mato Grosso, esporte cujo objetivo é apresentar nos campeonatos a melhor formação muscular, adquirida através de treinamentos de musculação, dieta restrita e suplementação. “25 anos de história do fisiculturismo em Mato Grosso” é um documentário que retrata a visão de pessoas que vivenciaram o crescimento do esporte dentro período em que a *International Federation of Bodybuilding and Fitness (*IFBB) chegou ao Estado.

O atleta praticante dessa modalidade é chamado de fisiculturista. Os critérios de julgamento variam para cada categoria dentro do culturismo, mas, no geral, são avaliados simetria, volume, proporção, definição e qualidade muscular. Vence o atleta que mais se adequar ao corpo padrão da categoria escolhida.

Sendo o fisiculturismo um esporte ainda pouco divulgado na mídia convencional, grande parte da população nem mesmo o conhece. Dessa forma, esse documentário busca apresentar algo ainda pouco explorado, pois é visível não só a ausência de trabalhos com esse tema, como a necessidade de acrescentar ao público informações que promovem o conhecimento deste sobre um esporte que vem crescendo no Estado de Mato Grosso e no Brasil. Além disso, um documentário, em que são apresentados relatos reais em vídeo, é a melhor forma de mostrar a trajetória do fisiculturismo em Mato Grosso.

Para contar essa história, optei por falar através do desenvolvimento da IFBB no Estado. Segundo dados do site oficial da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness (CBMFF – IFBB Brasil), a IFBB está em 192 países e realiza mais de 1.500 campeonatos em todo o mundo todos os anos. Aqui no Brasil são realizados cerca de 70 campeonatos por ano. A IFBB é a única federação do esporte fisiculturismo que participa do Código Mundial Anti-Doping, membros do SportAccord, reconhecidos por comitês olímpicos em mais de 90 países. Em Mato Grosso, a IFBB começou em 1992. Quando os professores Joás Dias e Bento Filho tiveram a idéia de criar uma federação no Estado.

Para o desenvolvimento deste projeto, primeiramente recorri a uma pesquisa bibliográfica, visto que é o pontapé inicial para qualquer estudo, pois é através dela que sabemos o que já foi escrito e estudamos o que foi elucidado por outros. E para coletar dados utilizei o método de entrevista narrativa, uma vez que, assim como Jochelovitch e

Bauer (2003, p.93), acredito que a narrativa tem como ideia reconstruir acontecimentos por meio da concepção dos entrevistados da forma mais direta possível, estimulando-os a contar a história sobre algum acontecimento da vida pessoal ou social, mas sempre mediada pelo achar do documentarista.

Espero, com o documentário aqui proposto, não estabelecer verdades, mas conversas. Diálogos sobre um esporte ainda pouco conhecido e sobre o crescimento dele em Mato Grosso, dando visibilidade a atletas, memórias e relatos. A pesquisa será demonstrada em forma de documentário, para assim dar vida a lembranças de pessoas que viveram profundamente os 25 anos, ou parte deles, de trajetória do fisiculturismo em Mato Grosso.

# CAPÍTULO I
# REFERENCIAL TEÓRICO

## 1.1 Documentário

Sendo este um projeto de TCC que visa a produção de um documentário, é necessário que primeiramente eu revise a literatura sobre o gênero. O documentário está a meio caminho da reportagem e da ficção, por isso é um gênero difícil de ser produzido. Sendo assim, a revisão da literatura colaborará para melhorar meu entendimento sobre documentário e para que, assim, eu faça um trabalho com maior qualidade.

Melo; Gomes; Morais (2001, p.1), no artigo "O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral", afirmam que existem cinco características definidoras do documentário como gênero jornalístico: "Seu caráter autoral, o uso de documentos como registro, a não obrigatoriedade da presença de um narrador, a ampla utilização de montagens ficcionais e uma veiculação praticamente limitada aos canais de TV educativos ou por assinatura".

Os autores (2001) analisaram que o gênero documentário é criado quase que exclusivamente para os canais de TV por assinatura, com exceção dos canais educativos. O motivo seria o fato de que exige tempo maior para ser produzido, enquanto nas TVs comerciais as pautas são em sua maioria factuais, o que dificulta o investimento em produções mais aprofundadas e detalhadas.

> Ao prolongar o tempo de pesquisa e produção para aprofundar seu conteúdo, o custo do produto final não condiz com aquele esperado pelas emissoras, levando as mesmas a "comprar" a produção (terceirizando um tipo de serviço) em vez de investir em uma equipe de profissionais ou mesmo equipamentos que justificariam essa produção (MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p.4).

Por isso, economicamente esse gênero não é interessante para os canais de TV aberta, que acabam optando à produção de grandes reportagens, em vez de documentários, pois estes necessitam de um tempo maior e de profissionais que se dediquem exclusivamente à sua execução.

Outra questão abordada por Melo; Gomes; Morais (2001) é que o documentário é marcado pelo olhar de seu diretor. Enquanto nos demais gêneros jornalísticos é buscada a imparcialidade (dificilmente encontrada), neste a parcialidade é aceita. Diferente do repórter, que não pode manipular notícias, o documentarista pode defender

um lado e expor sua subjetividade, sem perder sua credibilidade. Como coloca Amir Lbaki (2001, apud MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p. 5), "a objetividade é uma utopia a perseguir pelo jornalismo, seja escrito ou audiovisual, mas não para o documentário. [...] O compromisso aqui é com algo mais difuso e complexo do que a mera 'objetividade'". Porém essa parcialidade não faz com que o documentarista apresente só uma versão dos fatos. Geralmente ele ouve várias fontes sobre o assunto, "seja para confirmar uma tese, seja para confrontar opiniões" (MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p. 6).

> Ou seja, se por um lado o documentarista dá voz aos seus retratados com o objetivo de levar o espectador a tirar suas próprias conclusões em relação a um tema, por outro, esse mesmo documentarista almeja convencer o público de que a história que está sendo narrada tem uma moral - à semelhança das narrativas literárias (MELO; GOMES E MORAIS, 2001, p. 7).

Diferente da maioria dos gêneros jornalísticos, o documentário não necessita de um repórter, ou narrador. Pode ter, mas não é obrigatório. Na edição, as falas dos entrevistados podem ser ligadas umas às outras, dispensando uma voz para lhes dar coesão. Melo; Gomes; Morais (2001, p. 7) também observaram que "nos documentários, o narrador, quando existe, é onisciente, onipresente e preocupado em adotar um tom imparcial, indicando que seu conhecimento se refere a uma verdade universal e consequentemente inquestionável". Mostrando assim, através dessa visão de verdade incontestável, que a imparcialidade no documentário não é real, pois a parcialidade é quase uma necessidade do gênero.

No gênero documentário, como o próprio nome já diz, são utilizados documentos (imagens, fotos, filmes, vídeos e depoimentos) para evidenciar e comprovar partes da realidade. Melo; Gomes e Morais (2001) frisam, no entanto, que só colocar esses documentos em sequência não caracteriza um documentário, visto que vários filmes ficcionais utilizam fatos históricos, mas isso não os faz documentários. Por isso, é importante identificar quando os documentos servem como determinantes para caracterizar um documentário.

Embora muito se fale do documentário como um trabalho apenas de elementos reais, os autores (2001) observam que a ficção e a realidade estão ligadas por meio do uso de personagens, elementos ficcionais e uso de metáforas. Mas dados que mostrem a realidade são necessários no gênero, por isso os documentaristas fazem uso de números, gráficos e índices como forma de mostrar credibilidade. Embora a presença de

documentos seja indispensável, algumas vezes o gênero também permite reconstituições. Esse apelo acontece quando há falta de registros históricos que possam autenticar a realidade. “No entanto, vale chamar atenção para o fato de que essas estratégias não devem ser consideradas neutras, pois sempre atuam dentro de um discurso ideologicamente orientado, fato que só reforça nosso ponto de vista em relação ao caráter autoral do gênero” (MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p. 10).

Dessa forma, Melo; Gomes; Morais (2001) concluem que o documentarista tem uma abertura maior na construção de seu texto do que um repórter, seja pelo uso de recursos ficcionais, seja pelo uso da subjetividade, sem prejudicar sua credibilidade. Em um documentário nem sempre é necessária a presença de um narrador, os entrevistados podem falar por si mesmos. E em um documentário sempre haverá uma mensagem do desenvolvimento de toda argumentação do autor.

Bill Nichols, no livro “Introdução ao documentário” (2005), nos apresenta uma visão geral do que seria essa forma de produzir cinema, menos prática e mais teórica e filosófica. Para Nichols (2005, p. 20), “a tradição do documentário está profundamente enraizada na capacidade de ele nos transmitir uma impressão de autenticidade”. O autor defende que os documentários têm a intenção de nos convencer a acreditar que o que está sendo apresentado no filme é a realidade sobre o mundo.

Nichols (2005, p. 26) divide os filmes em dois tipos “(1) os de satisfação de desejo e (2) documentários de representação social” (cuja o produto desse projeto se enquadra). O primeiro seria o que chamamos de ficção, enquanto o segundo seria o de não-ficção (assim como o autor, usaremos somente documentário para falar deste), e apresenta a realidade social segundo a visão do cineasta.

Segundo Nichols (2005), os documentários podem desempenhar três papéis: 1) apresentar registros com fidelidade à realidade;2) representar o interesse de outros (como o público, ou a empresa patrocinadora); 3) representar a defesa de um ponto de vista, ou interpretação da realidade, da mesma forma que um advogado faz com seu cliente.

Dentre as questões éticas do documentário está a representação do outro. “O que fazemos com as pessoas quando filmamos um documentário?” (NICHOLS, 2005, p. 31). Nos filmes de ficção são utilizados atores, que representam o que lhes é pedido. Mas nos filmes-documentários as pessoas devem permanecer fazendo as mesmas coisas que fariam sem a presença da câmera. Para Nichols (2005, p. 31), a filmagem pode

promover mudanças na atitude dos personagens, trazendo um pouco de ficção para o documentário.

Ainda em questão da representação do outro, a grande polêmica está, para Nichols (2005, p. 32), no que o cineasta faz com as pessoas: "que responsabilidade têm os cineastas pelos efeitos de seus atos na vida daqueles que são filmados?". Afinal, em um filme em que não representamos um personagem, mas a nós mesmos, é a nossa vida que será filmada, e isso poderá trazer julgamentos a respeito de nossas atitudes, falas e escolhas.

"A ética existe para regular a conduta dos grupos nos assuntos em que regras inflexíveis, ou leis, não bastam" (NICHOLS, 2005, p. 35). É com esse pensamento que o autor coloca em questão se devemos avisar as pessoas filmadas que muitos os julgarão ou até ridicularizarão.

> Levando em consideração que a maioria dos cineastas age como representante das pessoas que são filmadas ou da instituição patrocinadora, e não como membro da comunidade, frequentemente surgem tensões entre o desejo do cineasta de fazer um filme marcante e o desejo dos indivíduos de ter respeitados seus direitos sociais e sua dignidade pessoal (NICHOLS, 2005, p. 38).

Para Nichols (2005), a ética faz o cineasta medir as consequências que suas filmagens podem trazer para a vida dos representados no filme, a ética faz o cineasta avisar os participantes as possíveis consequências de sua participação. "Desenvolver respeito ético passa a ser parte fundamental da formação profissional do documentarista" (NICHOLS, 2005, p.40).

Definir de forma exata em que os documentários diferem dos outros tipos de filmes não é algo tão simples quanto parece. Dessa forma, documentário seria ainda algo sem conceito exato, afinal, nem todos os filmes documentários são iguais, há várias distinções mesmo dentro do meio. Nichols (2005, p. 49) nos propõe definir documentário por quatro ângulos: "o das instituições, o dos profissionais, o dos textos (filmes e vídeos) e o do público".

No ângulo das instituições, documentário seria a denominação dada ao que a organização produz, independente das suas características técnicas. "Se John Grierson chama Correio noturno de documentário ou se o *Discovery Channel*[1] chama um

[1]Canal de televisão por assinatura distribuído pela Discovery Communications e destinado à apresentação de documentários, séries e programas educativos sobre ciência, tecnologia, história, meio ambiente e geografia.

programa de documentário, então, esses filmes já chegam rotulados como documentários" (NICHOLS, 2005, p. 49).

Para Nichols (2005), ainda que a estrutura institucional possa colocar limites aos cineastas, nem sempre eles os aceitam, e é dessa tensão e da vontade de inovar que surge a mudança. Os profissionais que fazem documentário têm vários traços em comum, e essas semelhanças fazem com que os profissionais sintam-se compartilhando propósitos.Por isso, a definição de documentário, para eles, está sempre sujeita à mudança, conforme muda a ideia dos documentaristas quanto ao que fazem.

Outra forma de definir documentário é quanto às normas que são comuns ao gênero, como as entrevistas, o uso de pessoas em suas atividades cotidianas, cortes para introduzir imagens que ilustrem a situação ou o uso da solução de problemas como forma de organização (NICHOLS, 2005). Uma grande diferenciação entre os documentários e os filmes de ficção, é que o documentário não faz o uso da continuidade como nas ficções. "Em vez das montagens em continuidade, poderíamos chamar essa forma de 'montagem de evidência'" (NICHOLS, 2005, p. 56). Essa montagem evidenciaria a lógica no argumento que o tornaria convincente, não busca a sensação de tempo e espaço únicos como nas ficções.

A última forma de definição de documentário proposta pelo autor é a do público. "Geralmente, entendemos e reconhecemos que um documentário é um tratamento criativo da realidade, não uma transcrição fiel dela" (NICHOLS, 2005, p. 68). O público espera ver no documentário algo maior do que somente um documento ou uma simples filmagem: espera a transformação em algo maior e se decepciona caso isso não aconteça.

"A ideia de 'aula de História' funciona como uma característica frequente do documentário" (NICHOLS, 2005, p. 69). Esperamos, como público, nos prendermos à história, aprendendo e nos emocionando, sendo persuadidos pelo que estamos vendo e o impacto é muito maior quando sabemos que é real, que após o final da gravação a vida mostrada na tela continua. Para Nichols (2005), a vontade de saber é o que prende o público ao documentário.

Ilana Feldman Marzochi (2012), em sua tese de doutorado, analisou o documentário brasileiro contemporâneo. Marzochi (2012) concorda com Melo; Gomes; Morais, quando vê, na produção cinematográfica brasileira, uma crescente tendência das obras comerciais – predominantemente ficcionais, visto o retorno financeiro superior – em buscarem representações do real. A ficção está procurando retratar o real, ou

oferecer uma sensação de real, movimento cujo maior exemplo, segundo a autora, foi o filme Tropa de Elite. Nas produções de documentários, entretanto, Marzochi (2012, p. 14) vê um movimento contrário.

> Na contramão, portanto, dessa tendência realista que tem pautado o cinema de ficção [...], diversos documentários brasileiros contemporâneos, que constituem o foco de nosso interesse, têm investido na opacidade, na explicitação das mediações, na reposição das distâncias e na tensão entre as subjetividades.

Esse movimento do documentário brasileiro, representado e girando em torno, segundo a autora, das obras de Eduardo Coutinho, teria então se voltado mais ao ensaísmo, em resposta às correntes de pensamento de que a objetividade em si é uma utopia.

Ao analisar diversas obras audiovisuais documentais produzidas entre os anos de 2007 e 2012, tanto de autores consagrados quanto de alguns dos numerosos diretores estreantes que despontaram a partir desse período espalhados pelo Brasil de forma muito mais homogênea que a produção comercial, Marzochi (2012) nos mostra que o documentário está, de fato, se aproximando de uma espetacularização, em alguns casos, uma mediação e subjetividades explícitas e em outros e, no geral, se humanizando.

A humanização aqui é vista como um documentário que se aproxima do ser humano e sua forma de pensar e ver o mundo. Marzochi (2012) continua concordando com Melo; Gomes; Morais, pois, para a autora, assim como nossa visão é pautada por nossas vivências, o documentário adquire uma subjetividade própria, fruto da visão de seus produtores, entrevistados, contextos de produção e inúmeros outros fatores. Em vez de negar e procurar esconder tais tendências, o documentário hoje se abre para aceitar sua "consciência" e explicitá-la ainda mais, em uma direção semelhante à que seguem os jornalistas, que em seu trabalho diário buscam uma objetividade, que, por ser utópica, só pode ser explicitada na subjetividade.

Segundo Marzochi (2012), tais afirmações ganham força quando analisadas, por exemplo, as obras: Jogo de Cena, de Eduardo Coutinho, e Santiago, do diretor João Moreira Salles. Embora essencialmente diferentes, ambos são "caracterizados pela mobilidade e pela explicitação da mediação, pelo rigor da composição e pelo olhar reflexivo, parcial e subjetivo do cineasta" (MARZOCHI, 2012 p. 22). Os diretores não temem em se aproximar e interagir com os entrevistados e até mesmo causar atritos devido a pontos de vista diferentes.

Em obras como Filmefobia, de Kiko Goifman, e Pan-cinema permanente, de Carlos Nader, esse movimento contemporâneo se dá de outra forma. A espetacularização e a teatralização por vezes se dão até mesmo excessivas. No entanto, para Marzochi (2012, p. 59), um cinema, mesmo que extremamente estético, pode ser pensado como um legitimador da informação, característica relevante de obras documentais, enquanto se reconhece como entidade crítica aos poderes e saberes dominantes, em uma busca de quebra da separação existente.

A autora ainda analisa diversas outras obras, em seus contextos históricos, e mostra que, seja no conteúdo, na estética ou nos meios de produção, o documentário brasileiro incorpora em si a ficção, assumindo de braços abertos a subjetividade que lhe é inerente.

Por meio da participação da audiência, da forte presença do autor, por enquadramentos inovadores ou diversas outras técnicas, o documentário brasileiro não mais busca revelar uma verdade ao ser imparcial, mas apresentar várias verdades à audiência, provocando, gerando atritos, causando espanto e tentando sair de uma rota em linha reta para se embrenhar em uma floresta com várias curvas e recurvas (MARZOCHI, 2012).

Tomando em conta o estudo de Marzochi (2012), posso dizer que hoje a produção documentária se solta das amarras de uma objetividade e verdade única, e se volta mais para a base da dialética, o atrito, o diálogo, a apresentação de várias facetas e a aceitação de que todas podem ser reais.

### 1.2 Jornalismo Esportivo

Sendo este um documentário que visa apresentar um esporte através de alguns elementos presentes no jornalismo esportivo[2], é imprescindível que eu faça também a revisão da literatura pertinente a essa especialização da imprensa. Dessa forma, começarei estudando a dissertação de Mariana Corsetti Oselame, em que a autora faz uma análise profunda sobre o jornalismo esportivo, desde o nascimento do esporte e desse gênero jornalístico até os dias atuais.

Mariana Corsetti Oselame (2012, p. 80) defende que o esporte é uma atividade universal que desconhece qualquer tipo de fronteiras. A autora acredita também que o

[2] Vide as particularidades descritas por Oselame da página 18.

esporte veio logo no princípio da evolução humana, contribuindo, inclusive, para a evolução da capacidade intelectual do homem.

"O primeiro jogo lúdico, ainda na Pré-História, foi, provavelmente, o lançamento de pedras" (ALCOBATA, 2005, apud OSELAME, 2012, p. 80). E com a narração daqueles que assistiam as disputas, nascia a informação esportiva. Tanto o esporte de competição, quanto a informação esportiva se desenvolveram na idade média, com os Jogos Olímpicos, e ressurgiram após a Idade Média através do antropocentrismo e do renascimento. Já na modernidade, o esporte se desenvolveu conforme o lazer e passou a fazer parte da vida das pessoas. Porém, o jornalismo esportivo veio depois, na pós-modernidade, como parte do show da indústria cultural (OSELAME, 2012, p. 80).

Para Oselame (2012, p. 82) em análise de gráficos, é possível perceber que a garantia econômica dos eventos esportivos passa a vir da mídia, em especial da televisão. Essa influência econômica chega a ser percebida até mesmo nas normas dos jogos, quando regras passam a ser alteradas para se encaixar na programação da mídia, o que promoveu o esporte como espetáculo, dificultando até mesmo a separação entre jornalismo e show.

Manuel Lora (2008, apud OSELAME, 2012, p. 84) diz que

> para promover o show, os jornalistas escalados para uma determinada transmissão esportiva contam com uma espécie de 'licença' para ignorar princípios básicos do jornalismo como, por exemplo, a busca pela objetividade.

Oselame (2012, p. 85) afirma que as emissoras passam até a escolher o que deve ser noticiado, fazendo com que o jornalismo esportivo apresente algumas particularidades em relação às regras gerais do jornalismo:

> é, muitas vezes, percebido com certo preconceito; abrange um sem número de possibilidades de abordagens; é orientado, especialmente na televisão, pela lógica comercial; por tratar de um assunto cuja principal função é entreter, utiliza uma linguagem mais informal; enquanto tema de interesse universal, é uma atividade que não conhece as barreiras de gênero ou de idioma. (OSELAME, 2012, p. 85).

O jornalista esportivo sofre preconceito desde que o esporte se tornou uma editoria. "Uma vitória no esporte não poderia ganhar as manchetes; era algo inimaginável para uma época que ainda não sentia os efeitos diretos da

espetacularização" (COELHO, 2008, apud OSELAME, 2012, p. 86). Oselame (2012, p. 86) divide, inclusive, o jornalismo esportivo brasileiro em três etapas:

> a do romance, que vai dos primórdios da imprensa esportiva à década de 70; a da realidade, que abrange os anos 80 e 90; e do infoentretenimento, a partir do início do século XXI e em curso atualmente.

Oselame (2012, p. 86) descreve a primeira etapa como marcada pela presença da literatura, os textos e narrações dos jornalistas eram romantizados, muitas vezes deixando de lado a objetividade jornalística e até falhando quanto ao compromisso com a verdade dos fatos. No segundo momento, o comprometimento com a precisão das informações volta à tona e as notícias passam a ser relatadas com objetividade. Na terceira etapa, do infoentretenimento, "o objetivo já não era buscar, apurar, redigir e divulgar as informações, mas, sim, divertir, distrair e entreter o telespectador" (OSELAME, 2012, p. 87), o que promoveu o sensacionalismo.

Quanto à notícia esportiva, Oselame (2012, p. 88) separa em cinco particularidades. A primeira seria que a notícia não deve, ou ao menos não deveria, falar apenas de resultados de campeonatos. O jornalista esportivo precisa entender de esporte, estudar tudo que possa influenciar ou colaborar na construção da notícia. A segunda particularidade é a possibilidade de amplitude da notícia, uma notícia de esporte pode muito bem fazer parte de outros campos do jornalismo, como a economia ou a política, mas isso raramente acontece no jornalismo esportivo da atualidade. A terceira particularidade é a comercialização da notícia. Torna-se pauta principal o esporte que o veículo tem o direito de transmissão, ou o que dará mais audiência, não o que o jornalista analisa como mais importante e noticioso.

Para Oselame (2012, p. 91), a linguagem do jornalismo esportivo é universal, usa-se linguagem informal, para que seja compreendida por todo o público sem distinção, o que se torna a quarta particularidade. Por fim, o jornalista começa a participar dos eventos: "agora, era preciso chorar ou vibrar juntamente com o público. Na prática, virar um personagem também" (VILLAS BOAS, 2005 apud OSELAME, 2012, p. 92), trazendo assim a quinta particularidade do jornalismo esportivo, a universalidade, que faz com que o jornalismo esportivo derrube todas as diferenças culturais, econômicas e sociais, chegando ao alcance de todo tipo de público, os unindo e promovendo a universalidade.

Fábio de Carvalho Messa (2005), no artigo “Jornalismo esportivo não é só entretenimento”, faz uma análise que complementa o estudo de Oselame. Ambos acreditam que o jornalismo esportivo diário se tornou jornalismo de variedades, de espetáculo. Porém Messa (2005) usa como exemplo em seu artigo a natação, que segundo ele, se analisada, é perceptível que poucas vezes se tornou pauta para o jornalismo esportivo, assim como nosso objeto de estudo, o fisiculturismo.

Messa (2005) constatou duas características que se sobressaem no jornalismo esportivo no Brasil, “A primeira é a de que o jornalismo esportivo é mero entretenimento, e a segunda é que mais de 80% das temáticas noticiosas e das reportagens especializadas giram em torno de uma única modalidade desportiva que é o futebol” (MESSA, 2005, p. 1). Motivado por isso, Messa produziu um estudo para discutir o porquê de esportes secundários preencherem pouco espaço no jornalismo.

Além da constatação de que 80% das coberturas jornalísticas é sobre futebol, Messa (2005) ainda analisou que em sua maior parte foram feitas notícia-entretenimento como um cumprimento mecânico de pautas, com pouca profundidade, criatividade ou conhecimento.

Mas Messa (2005, p.2) acredita que

> O jornalismo esportivo pode não ser só isso que se percebe na atualidade. Ele pode assumir outras configurações, com base em propostas editoriais mais alternativas e arrojadas, que não sejam exatamente factuais e muito menos mistificadoras de determinados assuntos, sujeitos e contextos.

Para Messa (2005), o jornalismo esportivo diário é na verdade um jornalismo de variedades, sem o intuito de passar exatamente informações sobre os esportes, mas sim uma mistura de sensacionalismo e propaganda. As pautas são construídas dentro do contexto repetitivo de jogos e treinos, e a informação busca furos jornalísticos que escandalizem e produzam matérias dispensáveis, que construam ou destruam a imagem dos atletas, patrocinadores e torcidas.

Em meio a essas constatações, Messa (2005) ainda acredita que é possível investir em divulgação científica sobre o esporte, sem a necessidade de comercialização, sem ligar o esporte a um mercado. Não que o autor tenha repúdio ao jornalismo esportivo factual, visto que acredita ser tarde demais para extingui-lo, que é isso que o público está acostumado a ver. A intenção real de Messa seria trazer uma nova experiência para o leitor/espectador, algo que trouxesse conhecimento sobre os esportes.

Segundo o teórico (2005), poucas são as publicações de revistas que produzem esse tipo de conhecimento. E por isso o autor almeja promover uma revista especializada, diferente do jornalismo esportivo diário, visto que o que é noticiado neste sempre terá caráter de propaganda. E sendo a natação (exemplo usado pelo autor) um esporte elitizado e não popular como o futebol, assim como o fisiculturismo, poderia ganhar mais espaço em uma mídia que visasse um fluxo mais qualificado de informações.

Para Messa (2005, p. 5), "a notícia é um produto altamente promocional, é matéria paga tácita ou formalmente. O pagamento é a relação estabelecida entre fontes, patrocinadores, empresas de comunicação e leitores/espectadores". Já na reportagem, há espaços para assuntos mais profundos e plausíveis, que busquem apresentar a informação com pertinência. Dessa forma, abre a oportunidade para o leitor/telespectador descobrir e se interessar mais pelo esporte, pois as matérias assumem um caráter educativo, didático (MESSA, 2005, p.5).

Tendo em vista que existiam poucas publicações sobre a natação, em especial sobre a região de seu interesse, Santa Catarina, Messa (2005) quis criar um veículo impresso especializado sobre o estudo e a prática da natação, surgindo, assim, a Revista Netuno- filosofia, ciência e arte da natação[3].

Concluo, então, que é possível apresentar informações que vão além do que é noticiado no jornalismo esportivo diário. Materializei isso em um documentário sobre a história do fisiculturismo em Mato Grosso.

### 1.3 Fisiculturismo

Sendo este um documentário sobre o fisiculturismo em Mato Grosso, é necessário ao menos uma introdução ao esporte. Utilizei, então, o livro enciclopédia de fisiculturismo e musculação, de Arnold Schwarzenegger, o maior fisiculturista da história. E o artigo de Alexandre Pagnani, que foi presidente da Confederação Brasileira

[3]"Um periódico trimestral, subdividido em diferentes editorias, que compreendem suas mais diversas perspectivas interdisciplinares como a pedagógica, técnica, geral, fisiológica, biomecânica, nutricional, psicológica etc. Os gêneros jornalísticos que serão priorizados na Revista Netuno, a cada edição, serão as reportagens, uma entrevista c/ especialista, artigos e colunas de colaboradores, uma crônica, um perfil de atleta ou nadador desconhecido, curiosidades, intertextos literários, charges, seção de perguntas de leitores, um editorial, pequenas notícias sobre a natação em SC e na Grande Florianópolis" (MESSA, 2005, p. 5).

de Fisiculturismo, no livro "Atlas do Esporte no Brasil", em que Pagnani faz um breve resumo sobre o esporte e sua história.

Pagnani (2006) diz que o culturismo é um esporte que visa o desenvolvimento dos músculos através de definição, proporção simetria estética e harmonia. O esporte teria nascido derivado do halterofilismo[4], na década de 1940. Um ano depois que o canadense Josef (Joe) Weider iniciou no culturismo, definiu que o esporte era diferente do halterofilismo de competição, pois o único propósito era desenvolver tamanho muscular em uma proporção equilibrada, dentro de padrões.

Josef, segundo Pagnani (2006), utilizava como método suas próprias experiências, visto que na época os estudos sobre fisiologia ainda estavam apenas no início. Não demorou muito para que ele tivesse êxito, pois percebeu que o treinamento para o fisiculturismo se baseava em velocidade, técnica e potência, o que auxiliava no desenvolvimento físico. Para ter bons resultados, Joe pesquisou também a nutrição, pois uma dieta baixa em gordura, rica em proteínas de alta qualidade e carboidratos completos é essencial para os atletas do culturismo e musculação. Josef percebeu, assim, que o treinamento de pesos e a dieta adequada seriam a medicina preventiva do século XXI.

Arnold Schwarzenegger (2001) defende que o interesse pelo culturismo não nasceu pelo músculo como meio de sobrevivência, ou autodefesa, mas como retorno do ideal grego de desenvolvimento muscular em nome da estética do corpo humano. Arnold também acredita que o culturismo veio na contramão do fenômeno de má alimentação e sedentarismo do século XX, pois os adeptos da cultura física enfatizavam a necessidade de comer alimentos naturais e defendiam a saúde em geral, pleiteando a moderação e o equilíbrio em todos os aspectos da vida. Tornavam-se um modelo cujo físico apresentavam essa ideia e chegavam a se parecer as estátuas clássicas dos atletas da Grécia Antiga.

Segundo Courtine (1995, p. 84, apud Flávia Mestriner Botelho, 2009, p. 106)

> o *Bodybuilding* constitui, assim, uma das manifestações mais espetaculares de uma cultura da aparência do corpo... Mas ele não é simples espetáculo: ele é sustentado por uma indústria, um mercado e um conjunto de práticas de massa.

### 1.3.1 Breve resumo da história do fisiculturismo no Brasil

[4] Esporte olímpico cujo objetivo é levantar a maior quantidade de peso.

Arnold Schwarzenegger, em seu livro, apresenta uma sequência de fatos e a história do fisiculturismo, girando em torno de sua vida e estando, assim, distante do Brasil. Por isso, embora sua trajetória seja muito admirável, utilizarei nesta bibliografia a linha do tempo apresentada por Pagnani, com algumas ligações do grande mestre dos fisiculturistas, Arnold Schwarzenegger.

Pagnani (2006) começa sua narração em 1945, quando, no Brasil, João Batista vence o torneio de musculação organizado pela Associação Cristã de Moços-ACM. Já em 1946, acontece o primeiro Mr. Canadá e a fundação da Federação Internacional de Culturismo (International Federation of BodyBuilders – IFBB), que lança o culturismo como esporte independente e internacional. Em 1947, o Brasil tem o primeiro Campeonato Brasileiro de Musculação, com Lourival dos Santos como vencedor.

Passemos, então, para 1949, quando a revista "O Cruzeiro" começa a fazer reportagens sobre os campeonatos nacionais (que nesse momento ainda não eram oficiais). Também nesse ano, atletas começam a ter espaço na dramaturgia.Um exemplo é Jardel Filho, campeão carioca, que também se tornou um talentoso ator. Em 1959, a IFBB lança o primeiro Campeonato Mundial Amador (Mr, Universo). Em 1963, são fundadas a Federação Paulista de Culturismo e a Confederação Brasileira de Culturismo (CBC), separando assim oficialmente o fisiculturismo no Levantamento de Peso.

Em 1965, foi realizado o 1º Mr. Olímpia, o que seria o nascimentoda liga profissional de fisiculturismo. Já em 1969,surge uma nova fase do culturismo no Brasil, com a retomada das competições, fazendo com que, na década de 70, surgissem grandes campeões no Brasil. Em 1976, a Confederação Brasileira de Culturismo (CBC) é reconhecida pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), mas é somente em 78 que a CBC se torna filiada à IFBB, à World Arm Wrestling Federation (WAWF) e à International Powerlifting Federation (IPF), federações Internacionais de Fisiculturismo.

É na década de 70 também que, segundo Schwarzenegger (2001), uma das maiores influências sobre culturismo é lançada, o livro, que depois se tornou filme, Pumping Iron. O livro, de autoria de Charles Gaines e George Butler, trouxe para as pessoas um assunto que até então poucos conheciam. Foi a primeira visão mais profunda do que seria o fisiculturismo, um esporte que permanecia (e na verdade ainda é) mal compreendido e menosprezado. Arnold acredita que Pumping Iron foi um marco para o crescimento da musculação e consequentemente do fisiculturismo.

Na década de 80, o Brasil começa a participar de campeonatos mundiais e, em 1987, tem o primeiro campeão mundial brasileiro, Luis Otávio de Freitas, mesmo ano

do lançamento da primeira revista especializada em musculação, Mr. Vigor – Musculação Desportiva. É também na década de 80 que iniciam os cursos de formação de instrutores e o início da expansão na musculação, motivados pelo surgimento de fábricas de equipamentos e fábricas de suplementos alimentícios no Brasil.

Em 1990, a CBC passa a se chamar Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação (CBC-M), "com o objetivo de incentivar a prática da musculação com pesos" (PAGNANI, 2006, p. 1017). E em 1994, Alexandre Pagnani, já presidente da CBC-M, oficializa o controle antidoping no fisiculturismo do Brasil. Em 1995, o culturismo é aceito como esporte de exibição nos Jogos Pan-americanos: o Brasil conquista duas medalhas. Em 1997, o Brasil se destaca nos jogos mundiais e no Mr. Universo com o atleta José Carlos Souza Santos, da categoria até 65 kg. E em 98, o Comitê Olímpico Internacional (COI) reconhece a IFBB oficialmente, no dia 30 de janeiro. E, para terminar a década de 1990, o Brasil tem a primeira profissionalização de uma atleta feminina no culturismo, Monica Helena Martins.

A década de 90 foi de bastante mudança no Brasil, não diferente do que ocorreu nos Estados Unidos. Schwarzenegger (2001) afirma que, nos anos 90, os competidores se tornaram massivos, buscando estar cada vez mais pesados, o que começou a causar insatisfação no público, que via muitas vezes a escolha dos jurados fugir do ideal tradicional de estética e simetria e ficar apenas com o critério de massa muscular. Schwarzenegger (2001) defende que, apesar do tamanho, os atletas devem sempre manter simetria, proporção e definição, no nível que em algum momento o aumento de tamanho já não é conseguido.

Voltando para o Brasil, o fim do século XX e o início do XXI trazem grandes acontecimentos ao Brasil. Diversos atletas brasileiros são profissionalizados. Uma nova modalidade é lançada, chamada Figure, e depois a Miss Fitness, ambas categorias femininas. O culturismo entra para os Jogos Pan-Americanos, e José Carlos Souza Santos torna-se campeão dos Jogos.

Pagnani escreveu o artigo em 2006, logo, termina a linha do tempo em 2006. Em 2010, Alexandre Pagnani veio a falecer, e Maurício Arruda assumiu a Confederação. Como Maurício era uma pessoa de muita influência, por ser da parte executiva da IFBB Internacional, ele conseguiu trazer um Arnold Classic, um dos campeonatos mais importantes da IFBB, para o Brasil, nascendo assim o Arnold Classic Brasil. A gestão de Maurício promoveu um grande crescimento do esporte no Brasil, chegando até a ter um campeonato mundial no país.

Hoje, segundo dados do site oficial da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness (CBMFF – IFBB Brasil): A*International Federation of Bodybuilding & Fitness* – IFBB está em 192 países e realiza mais de 1.500 campeonatos em todo o mundo, todos os anos. Aqui no Brasil são realizados cerca de 70 campeonatos por ano. A IFBB ainda é a única federação do esporte fisiculturismo que participa do Código Mundial Anti-Doping, membros do SportAccord, reconhecidos por comitês olímpicos em mais de 90 países.

**1.4 O culto ao corpo**

Falar de fisiculturismo é diretamente ligado a falar de corpo e da preocupação em modelar e alcançar a proximidade do padrão de físico de cada categoria. Então é necessário que eu faça também uma breve introdução ao culto ao corpo.

Para Ana Lucia de Castro (2004, p. 12)

> Culto ao corpo é entendido como um tipo de relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica o seu modelamento, a fim de aproximá-lo o máximo possível do padrão de beleza estabelecido. Assim, envolve não só a prática de atividade física, mas também dietas, cirurgias plásticas, uso de produtos cosméticos e tudo mais que responda à preocupação em se tem um corpo bonito e/ou saudável.

Mas o culto ao corpo, embora esteja ainda mais forte na atualidade, não é algo novo. Farei uma breve análise junto a Jurema Barros Dantas (2011, p. 898-912), que diz que "o corpo, notoriamente, percorre a história da ciência e da filosofia". Ainda no século XIV, desde o momento em que houve a primeira dissecação corporal, a fim de se descobrir causas de doenças da época, diversos filósofos como Bergson e Descartes já discutiam a definição de corpo. E após o corpo ser tomado como uma máquina, diversos avanços foram observados, inclusive a possibilidade de modificações. Dessa forma, todas essas descobertas no século XIX e XX (NOVAES, 2003, p. 8, apud DANTAS, 2011, p. 900) fizeram com que o século XXI entrasse numa era em que dominar o corpo poderia ser possível.

Assim, para Dantas (2011), o corpo, na atualidade, se torna uma síntese de desejos que possibilita o bem-estar. E o culto ao corpo passa a ser um instrumento de adequação a padrões estabelecidos, seja pela sociedade influenciada e influenciadora, seja pela mídia. É como se o corpo não só pudesse, mas precisasse ser melhorado o tempo todo e a todo custo. E tudo isso, segundo Ana Lucia Castro (2004, p. 2),se deu a

partir do século XX, quando há o impacto da imagem cinematográfica e a publicidade e Hollywood "incorporam o uso da maquiagem, principalmente o batom, e passam a valorizar o corpo esbelto e esguio".

Castro (2004, p. 3-4) destaca três momentos para reflexão no século XX. A autora diz que é na década de 50 que surge o conceito de férias de verão, com a exposição do corpo, que muito teve a contribuição do cinema e da televisão com seus olimpianos, que são definidos por Edgar Morin (1987, apud CASTRO, 2004, p.12) como "seres transformados em sobre-humanos pela cultura de massa". O que ocasionou um grande aumento de vendas de imagens e produtos para melhorias do corpo. Já a década de 60 seria a grande explosão no movimento feminista: o corpo se torna símbolo de transgressão, e a ideia de juventude, que inicia nos anos 50, é consolidada, tornando o processo de envelhecimento algo a ser evitado.Nos anos 80, a corporeidade ganha visibilidade, surgindo então a geração saúde, em oposição a comportamentos prejudiciais ao corpo, como o tabagismo e o alcoolismo.

No artigo "Culto ao corpo: identidades e estilos de vida", Ana Lúcia de Castro (2004) apresenta o resultado de uma pesquisa feita com pessoas que praticam diversas atividades físicas. Nessa pesquisa, saúde, estética, a busca de redes de sociabilidade e a culpa, foram apontados como os motivos mais fortes para a prática de atividades físicas. O que fez com que a autora chegasse à conclusão de que a mídia e a indústria da beleza são aspectos estruturantes da prática do culto ao corpo.

Dantas (2011) concorda com Castro, quando diz que a busca pela forma se tornou o vício do momento, e que "neste cenário atual, o corpo torna-se facilmente lugar de concretização do bem-estar e do parecer bem através da forma e da manutenção da juventude" (DANTAS, 2011, p. 907).

Concluímos, então, que se em toda nossa história o culto ao corpo foi ligado à busca de felicidade e um padrão de estética, na atualidade isso está ainda mais forte. E que esse cuidado não é somente ligado à saúde, mas sim ao convívio em sociedade, principalmente hoje que a publicidade e o consumo parecem ser os pilares da prática do culto ao corpo (DANTAS, 2011, p. 909). Pois, assim como Iriart, Chaves e Orleans (2009) analisaram em seu artigo "Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação", a principal razão para a prática da musculação é a motivação estética, e na atualidade o corpo se tornou um objeto de consumo e de investimento.

# CAPÍTULO II
# PROPOSTA E ENTREVISTADOS

## 2.1 Proposta

"25 anos de história do fisiculturismo em Mato Grosso" é um documentário que mostra a sucessão de acontecimentos que se passaram desde o registro da *International Federation of Bodybuilding and Fitness (*IFBB) em Mato Grosso, até a situação atual em que o esporte fisiculturismo se encontra no Estado.

Inspirado na paixão que move o atleta a competir, mesmo com tantas dificuldades, o objetivo é apresentar relatos reais de pessoas que vivenciaram as experiências. Para isso, procurei atletas, dirigentes e presidentes, que em algum momento presenciaram os campeonatos, seja no palco, seja na organização, durante os 25 anos.

O objetivo final é apresentar um esporte até então pouco conhecido e trazer em pauta a grandeza por trás do pouco divulgado na mídia convencional, a busca por reconhecimento, o amor que os faz competir sem ganhar praticamente nada e a história, que até então nunca havia sido contada tão profundamente. Para os atletas e dirigentes, a visibilidade seria o caminho para a aceitação do fisiculturismo como esporte, a diminuição do preconceito e a valorização de todo trabalho feito.

Ainda que muitas vezes as visões tenham sido contrárias, busquei apresentar, sempre que encontrado, dois lados da mesma história. Dando assim voz para todos os entrevistados ao produzir o material e com poucas intervenções minhas (voice-over).

No final, os depoimentos dos personagens mostram o que esperam para o futuro do esporte em Mato Grosso, o que acreditam mover o atleta a competir, a importância do fisiculturismo e as dificuldades. Afinal, só eles podem dizer o que o esporte representa em suas vidas.

## 2.2 Entrevistados

- Kinssinger Alencastro Antunes, 40 anos. Atual presidente da IFBB MT.
- Bento Edifanio Filho, 44 anos. Primeiro dirigente da IFBB MT de 1992 até 2000.
- Luciano Karin, 41 anos. Atleta mundialmente reconhecido.
- Glauber Bambirra, 40 anos. Atleta.
- Austrogildo Hardmam, 39 anos. Presidente interino da IFBB MT de 2000 até 2007.

- Cristovão Santiago Pinheiro da Silva, 39 anos. Atleta mais reconhecido do Estado e treinador.
- Gerson Nunes, 45 anos. Atleta.
- Rafael Bordini da Silva, 27 anos. Atleta e treinador.
- Gerson Felipe Machado, 36 anos. Atleta.
- Elves Bos Mattozo, 32 anos. Ex-atleta.
- Gorbachev Oliveira, 30 anos. Vice-presidente da IFBB MT, ex atleta e treinador.
- Murilo de Paula Souza, 23 anos. Ex-atleta.
- Cleonice Pinheiro, 46 anos. Irmã do Cristovão.
- Constancia Pereira de Godoy Pinheiro – Mãe do Cristovão.
- Ariana Cristina A. Guia, 30 anos. Atleta.
- Anna Moraes, 27 anos. Atleta.
- Índio Brasileiro Soares Júnior, 30 anos. Atleta.
- Luann Gelcy Gollin, 24 anos. Atleta e treinador.
- Fabíola Salles, 35 anos. Atleta.
- Michelly Matos, 31 anos. 1ª atleta mato-grossense a se tornar profissional (título recebido após o período de gravação do documentário).

# CAPÍTULO III
# PÚBLICO E MONTAGEM

## 3.1 Próximos encaminhamentos

O documentário "25 anos de história do fisiculturismo em Mato Grosso" é baseado nas entrevistas para criar uma narrativa. A ideia foi criar uma linha do tempo, para que as histórias ficassem narradas na sequência real dos acontecimentos. Por isso, utilizei o método de entrevista narrativa, estudado por Jochelovitch e Bauer, para reconstruir acontecimentos por meio da concepção dos entrevistados da forma mais direta possível, apenas os estimulando a contar suas experiências quanto ao esporte.

Apesar dos momentos em que houve a dificuldade do entrevistado falar livremente, era necessário para que eu, como entrevistadora que já conhecia a história, não a influenciasse, mas sim que fosse contada pela visão do entrevistado.

Além do fácil acesso que eu já possuía aos fisiculturistas e dirigentes, outro fator determinante foi que, por ser um esporte pouco divulgado, os atletas costumam atender de prontidão quem tenta ajudar e, de alguma forma, engrandecer seus trabalhos. E até mesmo as academias (locais que foram utilizados para gravações das entrevistas) abriram as portas com facilidade para o documentário, assim como o Campeonato Mato-grossense de 2016, ao qual tive acesso com toda equipe por autorização do presidente, Kinssinger Alencastro, sempre muito solícito.

O público-alvo desta produção não é restrito, muito embora o tema seja sobre um esporte específico. O objetivo, desde o princípio, foi apresentar o fisiculturismo exatamente para os que não o conhecem. Por esse motivo, pretendo em breve disponibilizar o documentário não só para uso da IFBB, mas também na internet, para que todos tenham acesso a esses relatos, seja em Mato, seja no restante do país ou do mundo.

Por fim, a pesquisa foi demonstrada em forma de documentário, para assim dar vida a lembranças de pessoas que viveram profundamente os 25 anos, ou parte deles, de trajetória do fisiculturismo em Mato Grosso. Isso com o intuito de mostrar que são anos de construção de uma Federação e luta de todos os envolvidos (atletas, dirigentes e presidentes) para que o esporte cresça e seja reconhecido.

## 3.2 Pré-roteiro

O documentário "25 anos de história do fisiculturismo em Mato Grosso" foca na reconstituição dos fatos na hora da edição. Por se tratar de uma história, cada frase é

colocada para completar a anterior, ainda que muitas vezes a visão dos entrevistados seja diferente. Dessa forma, o objetivo é criar uma linha do tempo, para não deixar as histórias do fisiculturismo, da IFBB e dos atletas caírem no esquecimento.

Primeiro, há a apresentação do título do documentário, em cima da imagem do atual campeão Overall[5] da categoria BodyBuilding, Bruno Roberto dos Santos, fazendo a famosa pose do maior fisiculturista de todos os tempos, Arnold Schwarzenegger. Tudo isso com fundo musical de uma das músicas mais utilizadas por fisiculturistas para suas apresentas individuais, Eye Of the Tiger, do Survivor, música símbolo de superação, clássica do filme Rocky Balboa.

Para explicar do que se trata o documentário, primeiro utilizei uma frase do atual presidente, Kinssinger Alencastro, que resume o que todos os atletas foram fazer quando aceitaram meu convite para participar deste projeto. Depois, nos primeiros minutos do filme, foi necessária uma apresentação do esporte fisiculturismo e da IFBB com dois **v**oice-overs explicativos, cobertos por imagens dos campeonatos.

A sequência dos fatos estána seguinte ordem:

1. Criação da primeira federação de fisiculturismo de Mato Grosso IFBB MT
2. Primeiro campeonato
3. Troca de gestão (para o presidente interino Austrogildo)
4. Danielzinho
5. Entrada de Mato Grosso no cenário Nacional
6. Troca de gestão (entrada do atual presidente Kinssinger)
7. Rebelião (momento em que atletas pedem a retirada do Kinssinger)
8. Volta do Kinssinger
9. Mini-biografia Cristovão
10. Esperança para o futuro e amor ao esporte

A sequência foi apresentada através das falas dos entrevistados, o que fez com que algumas vezes o mesmo entrevistado ficasse por algum tempo falando, visto que em gravação somente ele falou sobre aquele período (em OFF outros falaram, mas como não tinha o material gravado, não tinha como utilizar). Até por isso optei por colocar a linha do tempo fazendo a separação (com exceção do capítulo sobre o Cristovão), promovendo a quebra da monotonia das falas e dando suporte à forma de

[5] No fisiculturismo, dentro das divisões de categorias, há também a divisão de alturas. No final, sai um campeão de cada divisão de altura, que competem pelo troféu Overall, isto é, o campeão entre os campeões. O Overall é aquele que chegou mais perto do padrão da categoria.

montagem escolhida, sequencial, com o mínimo de intervenções com voice-over. Para a linha do tempo, utilizei cerca de dez segundos da música Where Your Life Begins como fundo, de autoria de Ryan Keatin, Matthew A. Thomas e Augustine Jacob Rampolla.

Imagens e vídeos (de arquivos que me disponibilizaram ou de gravações feitas especialmente para o documentário) foram utilizados quando necessário, seja para cobrir os voice-overs, seja para ilustrar a fala do entrevistado. No final do documentário, de 38 minutos, com mais 27 minutos de bônus, a música Gonna Fly Now, de Bill Conti, também símbolo de superação por ter sido usada na trilha de Rocky Balboa, será utilizada para finalizar com os créditos.

# CAPÍTULO IV
# RELATÓRIO DAS ATIVIDADES

A vontade de falar sobre fisiculturismo e, principalmente, de forma diferente do que costuma sair na mídia veio de minha experiência pessoal. Há pouco mais de um ano, eu era a fisiculturista com a marmita na mão diariamente, treinando três vezes por dia, subindo no palco e sofrendo o preconceito (menor em minha categoria) por ter optado por um esporte que muitos não conseguem enxergar como esporte. Eu era a fisiculturista e nada conhecia sobre a história da minha Federação e não sabia as dificuldades que cada presidente e dirigente enfrentaram para a Federação ter a estrutura que tem hoje.

Porém, foi quando fiz uma reportagem para a disciplina "Jornalismo de Revista" sobre esse universo, que me dei conta que ninguém nunca havia escrito nada de real profundidade sobre o fisiculturismo em Mato Grosso. E foi durante o processo de entrevistas para essa reportagem que percebi que havia muita história antes de eu subir no palco em um campeonato com 1500 pessoas de público. Era a primeira vez que eu percebia que não era apenas o sofrimento do atleta com a dieta e treinamentos, mas a luta diária também de cada organizador que esteve presente nos últimos 25 anos, e que o esporte não estaria no nível que está hoje, se não tivesse uma base construída anos atrás, e que poucos conheciam.

O amor pelo fisiculturismo já vivia dentro de mim, a vontade de ajudar esse esporte, que chamo de meu, a ser conhecido também. Ao conhecer Cristovão Pinheiro, que por pouco não se tornou meu tema, percebi um leque de opções de como apresentar esse esporte. E depois desse trabalho, não consegui mais parar, vi a necessidade de pesquisar cada vez mais. Eu poderia ter escolhido falar do fisiculturismo de forma técnica, mas não seria suficiente: eu precisava mostrar em vídeo o amor que fez com que por todos esses anos, anônimos lutassem para que hoje atletas mato-grossenses fossem respeitados onde quer que competissem. E, para isso, eu precisava contar história.

## 4.1 Pesquisa bibliográfica

A fase de pesquisa sobre documentário e jornalismo esportivo foi feita durante a confecção do projeto do TCC. Para isso, uma revisão bibliográfica de artigos, livros, teses de doutorado e dissertações de mestrado foi feita e deu um norte ao objetivo do

trabalho. Por fim, soube que queria mostrar o que ainda não foi explorado, pois falar sobre fisiculturismo dizendo quem ganhou o último campeonato, ou como é a preparação de um atleta – tudo isso de forma bem superficial –, é o que vejo sempre na mídia mato-grossense.

A dissertação de Mariana Corsetti Oselame e o artigo de Fábio de Carvalho Messa me ajudaram a constatar aquilo em que eu já acreditava: o jornalismo esportivo diário estava se tornando apenas entretenimento. E a forma como Fábio de Carvalho fala da natação para criação de sua revista, é a mesma que eu via o fisiculturismo, como um esporte secundário, mas que merecia espaço.

Com isso, comecei a perceber que eu poderia tratar de um esporte pelo viés da comunicação, sem precisar ser superficial. Afinal, peguei a essência do que deveria ser jornalismo esportivo, segundo Oselame, não falando somente sobre resultados de campeonatos, mas entender e estudar o esporte sobre o qual eu queria falar, para fugir da comercialização da notícia e manter minha visão sobre o que acreditava ser mais importante, usando uma linguagem informal, para ser compreendida por todos e tentando apresentar o fisiculturismo em Mato Grosso para todas as pessoas, independente de suas diferenças, trazendo assim a universalidade.

Após o processo de entender o jornalismo esportivo, busquei compreender o documentário como gênero híbrido (cinema e jornalismo). O livro de Bill Nichols e Sergio Pucini me ajudou a concretizar a ideia de contar uma história, pois, segundo Nichols (2005, p. 69) "a ideia de 'aula de História' funciona como uma característica frequente do documentário". E o artigo de Melo, Gomes e Morais e a tese de Marzochi, fortaleceram minha ideia de humanizar o documentário a partir dos recursos que eu tinha e com a liberdade de passar a minha voz até mesmo através da fala dos entrevistados.

Já durante a finalização surgiu a necessidade de aprofundar os estudos sobre o fisiculturismo, dando assim maior contextualização ao documentário. Com esse estudo, foi necessário também fazer uma breve introdução ao culto ao corpo, visto que falar de fisiculturismo é diretamente ligado a falar de corpo e da preocupação em modelar e alcançar a proximidade de um padrão de físico.

Foi ainda durante o projeto de TCC que decidi que as entrevistas seriam feitas com o método de entrevista narrativa, para dar voz às pessoas que viveram pessoalmente a história, valorizando suas lembranças e memórias. Tentando assim não

interferir durante o processo de entrevista, para que aquilo que eu já conhecia não influenciasse os entrevistados.

Elaborei meu projeto, porém fui para todas as entrevistas abertas a apenas ouvir, e dessa forma não foi possível fazer um roteiro antecipado, somente uma ideia do que seria a sequência dos acontecimentos da história.

**4.2 Entrevistas**

Desde a confecção do projeto do TCC, eu já havia conversado com o cinegrafista Benedito Costa para que ele fizesse as filmagens. Acabando o semestre, o contratei. Começamos as filmagens pelo campeonato mato-grossense de fisiculturismo de 2016, no dia 2 de julho.

Quanto à escolha dos entrevistados, foi feita meses antes. Alguns nomes eu já tinha devido à minha reportagem feita no 6º semestre, porém estava pouco aprofundada. Inclusive, nela vi o quanto faltavam entrevistas para eu chegar próximo à reconstituição dos fatos.

Por volta de abril, fiz uma reunião com o atual presidente da Federação, Kinssinger Alencastro, que me ajudou a dividir a história em 4 partes (criação da IFBB, troca de gestão 1, troca de gestão 2, rebelião e atualidade), mais a mini biografia do Cristovão. Com isso, ele me ajudou a encontrar em que momento cada entrevistado poderia ser encaixado, as pessoas que eu deveria procurar, alguns contatos e formas de conseguir outros.

Eu já tinha contato com metade dos meus entrevistados, mas alguns eu só conhecia por nome. Os atletas e dirigentes antigos foram fáceis de convencer a participar, são pessoas apaixonas pelo esporte e que fariam tudo para ajudá-lo a crescer. Em compensação, atletas que surgiram há poucos anos me enrolaram várias vezes, e foi complicado achar quem realmente estivesse disposto a acreditar em meu projeto.

No dia 24 de julho, fiz o primeiro dia de entrevistas. Fiquei bem frustrada. Não pelo material que consegui, que foi ótimo, mas por vários dos atletas que convidei não poderem ir, e alguns dos que confirmaram não irem, nem darem nenhuma satisfação. Nesse primeiro dia, gravei na Smart Fit, que me deu a autorização uma semana antes por intermédio do gerente (e vice-presidente da IFBB) Gorbachev, com o Luciano Karin, Anna Moares, Kinssinger Alencastro, Gorbachev Oliveira, Índio Brasileiro, Elves Matozo, Murilo de Paula e Glauber Bambirra. Com exceção da Anna, que

apareceu lá para treinar e convidei a gravar, todos foram convidados por telefone e aceitaram prontamente.

Nesse dia, eu e o cinegrafista ficamos das 8 às 15 horas na academia, ora gravando, ora aguardando. Foi também nesse dia que consegui vídeos de campeonatos antigos. Somente uma pessoa os possuía: Glauber Bambirra, que me emprestou as fitas.

Após as entrevistas, fui atrás dos outros entrevistados. Tive imensa dificuldade em conseguir contato com Bento Filho, um dos fundadores da IFBB, Austrogildo Hardmam, Joás Dias e Gerson Nunes.

O segundo dia de gravação estava programado para uma semana depois, também na Smart Fit, porém, quando fui convidar os entrevistados, todos me informaram que estariam no Campeonato Brasileiro, que era justamente no final de semana de gravação. Então mudei para quarta-feira, 27 de julho.

As gravações do dia 27 foram na academia Cultura Física, que também recebeu muito bem meu projeto, até com maior facilidade, por intermédio do Cristovão, que já foi dono do local. Comecei a gravação com Cristovão Pinheiro, a primeira de suas entrevistas. Precisei gravar com Cristovão duas vezes por serem entrevistas longas e ter que encaixar em seus horários de intervalo. Nesse dia, falamos sobre a história da IFBB. Depois, gravei com Bento e Gildo (Austrogildo).

Passado o Campeonato Brasileiro, era hora de terminar minhas entrevistas. No dia 5 de agosto, gravei das 8 às 19h. Foi um dia bem difícil, visto que cada atleta queria gravar em um local, mas deu certo.

Comecei o dia na Cultura Física, gravando com Cristovão, agora sobre sua vida no esporte, uma entrevista de quase duas horas. Depois, entrevistei Rafael Bordini, que para minha surpresa se tornou um dos meus entrevistados favoritos, pois faz oposição a vários entrevistados com coerência. Chegaram Ariana Cristina e Fabíola Salles, que rapidamente me concederam suas entrevistas.

Sai de lá às pressas para a academia Jacarezinho, que também me recebeu muito bem, pois o atleta Gerson Nunes só poderia me atender entre 11 e 12h. Muito do que o atleta falou me surpreendeu, visto que é a única pessoa dentre todas que entrevistei que poderia se colocar na posição de antagonista do Cristovão, mas as declarações mais polêmicas ele optou por só falar com a câmera desligada.

De lá fomos à empresa de Michelly Matos, que havia recém voltado do Campeonato Brasileiro como campeã. Lá a entrevistei. Ela estava em preparação para o Campeonato Sul-americano, que aconteceu após o término de minhas gravações. Nesse

campeonato, Michelly venceu sua divisão de altura e foi campeã overall de sua categoria, tornando-se a primeira atleta mato-grossense (entre homens e mulheres) a ganhar o pro-card[6].

Saindo de lá fomos para a Smart Fit, onde finalmente (após duas tentativas frustradas) consegui entrevistar o atleta Gerson Felipe e Luann Gollin. Saímos de lá por volta de 16h30 e corremos para a casa da mãe do Cristovão.

Fiz toda a entrevista, primeiro, sem a câmera. Depois, pedi a autorização para gravar e ela muito, envergonhada, permitiu. Durante a gravação, Cleonice, irmã do Cristovão, chegou, não precisei nem de dois minutos para convencê-la a sentar e gravar comigo também.

Não foram em todas as entrevistas que o método de entrevista narrativa deu certo. Em grande maioria sim, mas alguns pediram que eu os guiasse com perguntas para que não se perdessem e dessa forma precisou ser feito.

### 4.3 Dificuldades encontradas

Durante o percurso, infelizmente, houve algumas entrevistas que – por algum motivo – não deram certo e, por fim, não apareceram no produto final. Cada uma delas por motivos distintos, que contarei neste subcapítulo. Tive também alguns problemas técnicos que atrapalharam a edição depois.

#### 4.3.1 Joás Dias

Uma entrevista a qual eu gostaria muito de ter feito era com o primeiro presidente da IFBB MT, Joás Dias, que foi o fundador junto com Bento Filho. Quando conversei com Kinssinger, ele disse que seria fácil o acesso a Joás, visto que este era professor universitário na Unic (Universidade de Cuiabá), mas não foi bem assim. Durante meses tentei conseguir o contato dele, sem sucesso. Nenhum ex-atleta e nem mesmo Bento, muito amigo de Joás, tinha um contato atualizado do professor.

Tentei conseguir com a assessoria da Unic, que se negou a me ajudar por cerca de uma semana.Quando finalmente resolveu procurar, me informou que o professor já não fazia parte do quadro deles e me forneceu apenas um e-mail, que também era antigo.

[6] Documento dado a atletas que ganham ou o Overall sul-americano, ou de um Arnold, ou do campeonato mundial. Com isso, o atleta deixa de competir na liga amadora (campeonatos estaduais, nacionais e o mundial) e passa a competir na liga profissional, cujos campeonatos, por enquanto, não acontecem no Brasil.

A segunda tentativa foi pedir para todos os amigos antigos do professor com os quais tive contato, mas nenhum deles possuía um número dele. Joás também não tinha facebook, o que dificultou ainda mais.

Posteriormente, uma amiga me deu a ideia de perguntar em um grupo geral da UFMT. Me informaram que ele era professor na UFMT de Barra do Garças. Uma aluna me ajudou e conseguiu um e-mail de Joás, além do contato do coordenador do curso no qual ele é professor: Educação Física.

Enviei um e-mail explicando todo o meu projeto e pedi que ele me passasse um contato, ou me ligasse. No outro dia, recebi a sua uma ligação. A princípio, ele foi muito solícito. Enviei meu projeto a ele, como pedido, e aguardei a resposta. Ele elogiou o projeto e disse que iria me informar se seria possível a gravação. Pouco tempo depois, enviei outro e-mail e ele disse que não poderia dar a entrevista, pois estava sem tempo. Depois disso, tentei mais um contato com ele para pedir uma foto atualizada para um trecho do documentário. Sem retorno.

Esse é o motivo de não ter nenhuma fala de Joás, embora ele seja muito citado. E é esse também o motivo da foto usada para ilustrar seu nome ser tão antiga

### 4.3.2 Bianca e Linielson

Bianca é a ex-esposa e mãe da filha do Cristovão, acompanhou boa parte de sua trajetória no esporte. Bianca foi a primeira pessoa, fora Kinssinger, a saber do documentário, e aceitou participar. A relação dela com Cristovão é excelente, apesar de separados, se veem todos os dias e Cristovão até a treina.

No dia em que entrevistei Cristovão pela primeira vez, Bianca estava presente e iria gravar comigo, mas durante a entrevista com Cristovão, ela precisou ir embora. No dia que marquei a segunda entrevista, ela conseguiu o agendamento de uma consulta que aguardava há muito tempo. Este foi o dia que fiquei das 8 às 19h gravando, mas durante todo o dia, Bianca acabou não conseguindo me encontrar. Infelizmente, é uma entrevista que perdi.

Já Linielson é o primo que Cristovão fala no começo da sua mini-biografia, que foi o responsável por ele ter iniciado na academia. Linielson também acompanhou boa parte da trajetória de Cristovão, e por isso seria uma entrevista importante para essa parte do documentário, porém desde o princípio deixou claro que não tinha tempo para gravar. Tentei contato pelo menos três vezes, pedindo para ir até onde fosse mais fácil para ele e em qualquer horário e data, mas sempre obtive respostas negativas.

### 4.3.3 Beivilaque, Josevan Clemente, Silvana Alves e Greison Figueiredo

Ainda não sei se é exatamente assim que escreve o nome dele, Beivilaque foi o atleta mais antigo ao qual tive conhecimento, veio antes mesmo de Cristovão, mas ninguém tinha seu contato, não o encontrei no facebook e ninguém sabia de seu paradeiro atual.

Josevan Clemente era uma das entrevistas que eu mais gostaria de ter feito. Quando fiz a matéria para a disciplina "jornalismo de revista" o entrevistei e boa parte do que ele relatou reforça falas de Cristovão, Austrogildo, Luciano Karin, Glauber, os dois Gerson, Bento e Kinssinger. Foi o personagem mais importante na "rebelião" para retirada do Kinssinger. Ele confirmou que daria a entrevista em todos os dias de gravação, mas, com exceção ao domingo que tinha outro compromisso, em todos os dias de gravação suas audiências (ele é advogado) atrasaram e ele não conseguiu estar presente. Infelizmente eu não tive como tentar outros dias, pois meu contrato de aluguel dos equipamentos havia acabado e eu não tinha como pagar novamente

Silvana Alves é atualmente uma das atletas mato-grossenses de maior destaque nacional, sempre foi muito solícita comigo, porém em nenhum dos dias de gravação pôde estar presente, devido ao fato de que estava se preparando para o brasileiro e também ser advogada.

Greison é o atual campeão da categoria com mais atletas em Mato Grosso, Mens Physique, e foi muito solicito ao ser convidado. Porém no dia da gravação teve crise de gastrite e não pôde estar presente. Uma pena, pois apesar de estar no esporte há poucos anos, Greison o vive 365 dias do ano e é completamente apaixonado.

### 4.3.4 Problemas com a lapela

Em todas as entrevistas o cinegrafista colocou a lapela e testou a voz. Parecia estar tudo certo. Porém nenhuma em nenhuma entrevista o som está gravado na lapela, mas sim no microfone da câmera. O que deu o triplo de trabalho para os amigos que editaram para mim, mas isso estará no próximo subcapítulo.

## 4.4 Mulheres no fisiculturismo em Mato Grosso

Me incomodava o fato de não ter mulheres na história e por isso, apesar do método escolhido de entrevista narrativa, em praticamente todas entrevistas busquei perguntar a respeito de mulheres que competissem antigamente e obtive de todos os

atletas que antigamente não havia uma categoria de mulheres, e que a única que subia, sem concorrentes, fazia algumas poses somente e não tinha nenhum padrão a ser seguido.

É por esse motivo que as mulheres só começam a aparecer no documentário no trecho final, visto que começaram a competir recentemente, com no máximo quatro anos dentro do esporte.

A ideia de fazer um extra sobre Michelly Matos chegou a ser cogitada, por sua recente conquista, após a parte do Cristovão ser transformada em extra. Porém não houve tempo hábil para isso. E, por maior que seja a conquista de Michelly, sendo meu foco a história do fisiculturismo em Mato Grosso, a parte dela está começando agora, então ainda é cedo para que esta passe a acrescentar historicamente para o trabalho.

**4.5 Edição**

A edição do documentário foi repleta de dificuldades. O material bruto continha 9 horas e 14 minutos. A edição foi iniciada por Thiago Marinho, fizemos 80% do primeiro corte conectados por Skype. O restante, até a finalização, foi editado por Daniel Morita. Toda edição foi feita no programa Adobe Premier. Acompanhei cada detalhe e por isso, ainda que a edição não tenha sido feita por mim, cada detalhe seguiu meu roteiro e minha idealização. O produto final ficou com 38 minutos sobre a História da IFBB, com mais 27 minutos de bônus, contendo a história do Cristovão.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

"25 anos de história do fisiculturismo em Mato Grsso" buscou apresentar a história da forma mais fiel possível. Por meio do trabalho prático, as entrevistas e o documentário, eu quis apresentar uma espécie de linha do tempo reconstituindo os fatos através de memórias de atletas e dirigentes da IFBB MT.

Após meses de trabalho, pesquisas, conversas e leituras, é possível enxergar o quanto o fisiculturismo se desenvolveu durante esses 25 anos. Embora o preconceito com o esporte e os atletas ainda exista, é perceptível que os avanços vêm sendo constantes. E o reconhecimento, que todos deste universo particular dos atletas tanto buscam, está chegando lentamente, mas já pode ser reconhecido.

Apesar de tamanha dificuldade, é nítida a paixão que os atletas têm pelo fisiculturismo, seja pela realização pessoal, pelo o exemplo que passam, pela fama que o esporte lhes traz. A maioria dos entrevistados, inclusive, após a pergunta: "O que o fisiculturismo representa em sua vida?", responderam: "É toda uma vida"; "Uma paixão"; "Não dá pra falar de mim, sem falar de fisiculturismo". Eles entendem que as dificuldades existem, mas a realização de ir além do que acreditavam ser capaz é muito maior.

A conclusão que se chega ao produzir o documentário é a de que o fisiculturismo no Estado só chegou ao nível que está hoje, com uma das federações mais respeitadas do Brasil, devido ao trabalho intenso de dezenas de pessoas, que lutaram para fortalecer e engrandecer o esporte e a federação. E apesar disso, a IFBB MT ainda tem muito para crescer.

Um esporte ainda pouco conhecido e muito julgado, que transforma a vida dos atletas e de todos que estão a sua volta. São 25 anos de histórias que mostram o amor que move um atleta. Como disse Kinssinger Alencastro,"existe o mundo das pessoas normais e o mundo dos fisiculturistas. Você nunca será um fisiculturista se não sair do mundo das pessoas normais".

# REFERÊNCIAS


BARBEIRO, Herodoto; RANGEL, Patricia. **Manual do jornalismo esportivo.** Brasil: Contexto, 2006. 192 p.

BENDEL, Vera. **Culturismo Feminino**. Lisboa: Editorial presença, 1986.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário** – Técnicas para uma produção de alto impacto. Rio de Janeiro: Campus, 2008. 387 p.

BORELLI, Viviane. **Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos.** [artigo científico]. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/69091043172603617173111127019307506949.pdf>. Acesso em 27 de março de 2016.

BOTELHO, Flávia Mestriner. Corpo, risco e consumo: uma etnografia das atletas de fisiculturismo. **Revista Habitus:** Revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 104-119, jul. 2009. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 27/09/2016.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo:** identidades e estilo de vida. Trabalho apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel24/analuciacastro.pdf>. Acesso em 27/09/2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE MUSCULAÇÃO, FISICULTURISMO E FITNESS (CBMFF – IFBB BRASIL). Disponível em: <www.ifbbbrasil.com.br> Visitado em: 23/09/2016.

DANTAS, Jurema Barros. Um ensaio sobre culto ao corpo na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3. P. 889-912, 2011.

GENERATION Iron. Direção de VladYudin. **Estado Unidos da América**: The Vladar Company, 2013. 1 filme (106 min), son., color.

GRINER, Arbel. **A estética da ética:**uma análise do cinema documentário de Eduardo Coutinho, Eduardo Escorel e João Salles. 160 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia com ênfase em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

JAEGER, Angelita Alice. **Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo**. 2009. 240 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MARZOCHI, Ilana Feldman. **Jogos de cena:** Ensaios sobre o documentário brasileiro contemporâneo. 2012, 162 f. Tese (Doutorado em Estudos dos Meios e da Produção Mediática) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral.** [artigo científico]. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/115721212970949489812033638980826643337.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2016.

MESQUITA, Claudia; LINS, Consuelo. **Filmar o real –** Sobre documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 96 p.

MESSA, Fábio de Carvalho. **Jornalismo esportivo não é só entretenimento.** [artigo científico]. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/dados/grupos/jornalismo-esportivo-nao-e-so-entretenimento%5B169%5D.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2016.

MEZZAROBA, Cristiano; PIRES, Giovani de Lorenzi. O Agendamento Midiático-Esportivo: considerações a partir dos Jogos Pan-Americanos Rio/2007. **Logos**, Brasil, v. 17, n. 2, p. 124-136, jun./dez. 2010.

MISTER RIO: A Batalha dos 80. Direção deRafael Norton e Flávio Lordello. Rio de Janeiro: Jabacule Filmes, 2014. 1 filme (107 min), son., color.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas, SP: Papirus Editora, 2005. 270 p.

OSELAME, Mariana Corsetti. **Fim da notícia:** O "engraçadismo" no campo do jornalismo esportivo de televisão. 153 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PAGNANI, Alexandre. **Culturismo e Musculação**. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/70.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2016.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. [artigo científico]. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2016.

PUMPING, Iron.Direção de George Butler e Robert Fiore.**Estados Unidos da América**: White Mountain Films, 1977. 1 filme (85 min), son., p&b.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é documentário?.** [artigo científico]. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2016.

SALLES, João Moreira. **A dificuldade do documentário.** Trabalho apresentado no

Encontro da Anpocs, Minas Gerais, 2004. Disponível em: <http://www.nextimagem.com.br/wp-content/uploads/joao-salles-a-dificuldade-do-documentario.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2016.

SCHWARZENEGGER, Arnold. **Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação.** 2. Ed. Brasil: Artmed, 2001. 800 p.

SILVA, Fernanda Maurício da. **Dos telejornais aos programas esportivos:** gêneros televisivos e modos de endereçamento. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo Esportivo –** Relatos de uma paixão. São Paulo: Saraiva, 2009. 4 vol.

# ANEXOS

## ROTEIRO 1:

## 25 ANOS DE HISTÓRIA DO FISICULTURISMO EM MATO GROSSO

| | VÍDEO | ÁUDIO |
|---|---|---|
| **00’01’’a 00’04’’** | Texto: 25 anos de história do fisiculturismo em Mato Grosso. Como fundo, imagem de Bruno Roberto. | **Música:** Eye Of the Tiger - Survivor |
| **00’05’’ a 00’07’’** | Fica somente imagem de Bruno Roberto | |
| **00’08’’** | Imagem Kinssinger | **Fala:** *Na verdade a gente veio aqui pra contar um pouco da nossa história, a história do fisiculturismo em Mato Grosso.* |
| **00’15’’** | Imagens de atletas no campeonato mato-grossense | **Voice-over:** *O fisiculturismo, ou culturismo, é um esporte cujo objetivo é apresentar nos campeonatos a melhor formação muscular, adquirida através de treinamentos de musculação, dieta restrita e suplementação. O atleta praticante dessa modalidade é chamado de fisiculturista. Os critérios de julgamento variam para cada categoria dentro do culturismo, mas no geral é avaliada a simetria, volume, proporção, definição e qualidade muscular. Vence o atleta que mais se adequar ao corpo padrão da categoria escolhida.Segundo* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *dados do site oficial da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness (CBMFF – IFBB Brasil):*<br><br>*A International Federation of Bodybuilding & Fitness – IFBB está em 192 países e realiza mais de 1.500 campeonatos em todo o mundo todos os anos. Aqui no Brasil são realizados cerca de 70 campeonatos por ano. A IFBB é a única federação do esporte fisiculturismo que participa do Código Mundial Anti-Doping, membros do SportAccord, reconhecidos por comitês olímpicos em mais de 90 países. Em Mato Grosso, a IFBB começou em 1992. Quando os professores Joás Dias e Bento Filho tiveram a idéia de criar uma federação no Estado.* |
| **01'40''** | Linha do tempo | **Música:** Where Your Life Begins - Ryan Keatin, Matthew A. Thomas e Augustine Jacob Rampolla. |
| **01'51''** | Imagem Bento<br>Texto: Bento Filho<br>Subtítulo: Primeiro dirigente da IFBB MT | **Fala:** *O professor Joas era uma pessoa muito antenada, era professor da UFMT, começou a ministrar aula naquela faculdade e ele teve a idéia da gente organizar uma federação pra que futuramente a gente pudesse fazer eventos aqui no município de Cuiabá.* |
| **02'07''** | Imagem Jornal da Federação | **Voice-over:** *A musculação vem crescendo em nosso país assustadoramente. Hoje já existem várias academias, clubes, associações, escolas e condomínios com salas de musculação. Estamos falando do esporte do próximo século. Presidente Joás Dias – Da Federação Mato-grossense de culturismo – musculação e fitness.* |
| **02'31''** | Imagem Bento Filho | **Fala:** *Então a gente começou a ter uma idéia de organizar formalmente* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *uma entidade e fomos buscar quais seriam os critérios para criar uma federação de fisiculturismo. Porque o critério da lei determinava o seguinte: Pra constituir uma federação você tinha que ter no mínimo 3 associações. Aí eu fui buscar essas associações. Naquela oportunidade, o que me atendeu de pronto foi o professor José Humberto de Souza, Sensei Humberto, que era o presidente da associação Centro América de Karatê Shotokan. Aí eu consegui mais duas entidades. Uma era associação de Judô e uma outra entidade que era associação também de artes marciais. Eu reuni os três presidentes, fizemos uma reunião provisória, e daquela oportunidade nós tivemos a primeira idéia de criar a federação de fisiculturismo. Nós fizemos todos os trâmites legais para constituir a federação. E fomos ao cartório, porque o cartório exigia a presença de todos presidentes pra assinar outorgando poderes para constituir a federação. E registramos. Foi difícil, um trabalho de mais ou menos 3 a 4 meses. De 93 pra cá já organizando a federação nós tivemos a idéia de começar fazendo eventos no município de Cuiabá.* |
| **03’59’’’** | Linha do tempo | **Música:** Where Your Life Begins - Ryan Keatin, Matthew A. Thomas e Augustine Jacob Rampolla. |
| **4’00’’** | Imagem Bento Filho | **Fala:** *E aí nós começamos a fazer campeonatos. Tivemos uma parceria na época com a Universidade Federal, o professor Joás era professor lá, e fizemos o Unicuia. Teve uma época que teve várias modalidades no Unicuia. Nós fizemos* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *naquela época fisiculturismo, luta de braço, levantamento de supino e levantamento terra.* |
| **04’19’’** | Imagem Luciano Karin<br>Texto: Luciano Karin<br>Subtítulo: Atleta fisiculturista | **Fala:** *Na época quem era o presidente era o professor Joas, então esse professor, acho que por amor ao esporte, ele centralizava os trabalhos e metia a cara, então ele praticamente fazia o trabalho sozinho. Então não tinha divulgação, só ia a família dos atletas, que dava pra contar no dedo (corta o no palco) na arquibancada (corta os pessoa) o pessoal, a família. Então eram poucos atletas. Mas ali eu percebi que deu início ao fisiculturismo.* |
| **04’53’’** | Imagem Glauber Bambirra<br>Texto: Glauber Bambirra<br>Subtítulo: Atleta fisiculturista | **Fala:** *Antigamente o fisiculturismo ele era de certa forma discriminado, né. Você falava em campeonato de fisiculturismo, o pessoal falava: “ah, eu não vou lá pra ver homem de sunga”.* |
| **05’03** | Imagem Austrogildo Hardman<br>Texto: Austrogildo Hardman<br>Subtítulo: Presidente interino da IFBB MT de 2000 a 2007 | **Fala:** *Unicuia na verdade eu era atleta de outras modalidades. Mas como eu já estava me envolvendo com a parte de culturismo e musculação (cortar o propriamente dito) eu consegui ver. Nós tivemos evento no shopping Goiabeiras, na UFMT. Então teve algumas situações assim bem interessantes que serviram de divulgação do esporte, de demonstração de como os atletas se preparavam, como podia chegar, até onde poderia chegar. Foi uma parte muito importante, pra desenvolvimento de massa do esporte.* |
| **05’42’’** | Imagem Cristovão Pinheiro<br>Texto: Cristovão Pinheiro<br>Subtítulo: Atleta fisiculturista e treinador | **Fala:** *Nessa época a gente tinha muito pouco munido de suplementação e a gente sabia muito pouco de alimentação, de como se alimentar para o esporte. Então era mais ou menos assim: Quem tinha alguma coisa a mais pra acrescentar não era de Cuiabá, era de fora.* Então |

| | | |
|---|---|---|
| | | era assim: Fulano tem um físico bom, dá pra ele competir. Ciclano tem o físico bom, dá pra ele competir. Mas assim era muita pouca coisa, muita pouca informação. Até em relação a ergogênicos, digamos assim, até falando sobre ergogênicos, era muito pouco munido disso aí. As pessoas iam simplesmente por indicação. Faz uso disso aqui, vai aqui, vai ali, foi mais ou menos assim. A gente foi se acertando assim. |
| **06'27''** | Imagem Bento | **Fala:** *Naquele primeiro momento nós colocamos as categorias com base nos inscritos, então a gente dividia as categorias em: De 60 a 70. De 70 a 80. De 80 a 90. E acima de 90. Na época eu e o professor Joás a gente divulgava com cartaz. A gente conseguia patrocínio para as premiações, que seriam as medalhas. E a gente tinha uma parceria na época com uma empresa, que eles confeccionavam a suplementação alimentar. Aí o que que a gente fazia? A gente mandava confeccionar os cartazes, já corria atrás das premiações e visitava todas as academias que tinham na época.* |
| **07'10''** | Imagem Glauber Bambirra | **Fala:** *Não tínhamos um calendário definido, então você tinha que estar bem o ano inteiro. Eles chegavam e avisavam: 'Oh, daqui uns três meses, mais ou menos, a gente vai fazer um campeonato. Estamos fechando com alguns patrocinadores. Façam uma preparação aí, já segura a dieta'.* |
| **07'25''** | Imagem Cristovão Pinheoiro | **Fala:** *O público era pessoas adeptas a academia. Não tinha um público, não era aberto assim, era uma ou outra pessoa que ia.* |
| **07'35''** | Imagem Luciano Karin | **Fala:** *Na época, por mais que ia somente a família, ainda nem era* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *cobrado os ingressos.* |
| **07’32’’** | Imagem Cristovão Pinheiro | **Fala:** *A questão da premiação era tudo muito difícil, você tinha que ir atrás de políticos. Geralmente os troféus vinham com nome de político. Uma coisa bem principiante mesmo. Coisa que a gente sabia que fora daqui já era diferente.* |
| **08’01’’** | Imagem Bento Filho | **Fala:** *No começo o fisiculturismo não era tão divulgado como hoje. A gente tinha muita dificuldade com patrocínio. Os campeonatos não eram fáceis pra gente ta organizando, porque os patrocinadores não conseguiam, visualizar o fisiculturismo como hoje.* |
| **08’16’’** | Imagem Austrogildo Hardman | **Fala:** *Já chegamos a ter premiações, em dinheiro, alguns brindes, tinha patrocínio de academia. Tinha algumas coisas assim mais acessíveis do meio do culturismo mesmo né. Alguns açougues, pra conseguir alimentação né, carne, frango. Então era uma coisa mais acessível assim em tempo de preparação mesmo do atleta. De possibilidade pra ele continuar o treinamento.* |
| **8’45’’** | Imagem Gerson Nunes<br>Texto: Gerson Nunes<br>Subtítulo: Atleta fisiculturista | **Fala:** *Valores em dinheiro? Se não me engano o esporte nem pode ter o valor em dinheiro. Mas geralmente tinha no início até um valor X pra passagem. Por exemplo, o atleta ganha o estadual, o atleta que ganhava o Overall, ele poderia ganhar um valor X pra custear sua passagem pro brasileiro.* |
| **9’06’’** | Imagem Bento Filho | **Fala:** *Nós ficamos na federação de 93 até meados do ano de 1999, 2000. E depois nós passamos a federação para outras pessoas administrarem.* |
| **9’22** | Linha do tempo | **Música:** Where Your Life Begins - Ryan Keatin, Matthew A. Thomas e Augustine Jacob Rampolla. |

| | | |
|---|---|---|
| **9’32’’** | Imagem Austrogildo Hardman | **Fala:** *Eu comecei a acompanhar os trabalhos da federação em 95, 96. O Joás, no caso, era o professor responsável pela federação, o Bento. E eu fui me despertando pra fazer parte disso. Não como atleta, mas mais na parte profissional, na parte da federação, de organização. Quando eu me formo em 2000, 2001, eu passei no SESC. E eu vi a possibilidade. O Joás estava um pouco afastado, nós estávamos sem campeonato por uns dois anos. E aí eu comecei a colocar essa idéia pro Joás: ‘por que a gente não pega essa idéia e coloca de projeto, no SESC’. E eu fiquei como presidente, vice presidente ali, meio fazendo essas funções. E consegui com o SESC aprovar esse projeto. E eu fiquei lá até 2007.* |
| **10’30’’** | Imagens campeonato mato-grossense antigo | **Voice-over:** *O professor Gildo não chegou a ser nomeado presidente oficial. Devido às dificuldades de regularizar a documentação, o professor Joás Dias continuou como presidente da IFBB Mato Grosso durante todos os anos em que Gildo esteve à frente dos campeonatos.* |
| **10’47** | Imagem Cristovão Pinheiro | **Fala:** *Eu fiquei um tempo fora daqui. Do ano de 96, até o ano de 2001, eu fiquei fora. Voltei em 2001 pra cá, mas eu ia nas competições só como jurado. Porque antes a gente pegava os jurados pra competição eram ex atletas, esses eram os jurados. Não existia curso de jurados, não era assim dessa forma. Ou eram os ex atletas, ou era assim: ‘Vamos chamar fulano porque ele ajudou com isso, ou com aquilo’. Eu cheguei a participar de campeonatos como jurado, que* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *tinham 5 pessoas, 6 pessoas assistindo o campeonato. Sem exagero nenhum. Sem inferiorizar, nem nada. E tinha até um ou outro atleta que estava se destacando, mas sem incentivo nenhum difícil. A parte que era bastante discriminado na época né. Voltei a competir em 2004. Mas aí em 2004 já estava um pouco diferente. Na época o campeonato já era regido pelo Gildo, o Joás estava por trás também, que era o presidente da época. E o Gildo já era um cara um pouco mais interessado no assunto e ele começou a inovar em questão de organização. E os atletas automaticamente se apresentando um pouco melhor, porque foi conhecendo mais sobre o esporte.* |
| **12'07''** | Imagem Austrogildo Hardman | **Fala:** *A gente fazia divulgação, passava em todas as academias de Cuiabá. Nas principais, que a gente tinha o contato, já conhecia os profissionais e os atletas que já freqüentavam essas academias, esses locais. E convidava todo mundo e pedia o apoio de todo mundo. Tentava ali, aqui, assim. Bolsa pra atleta treinar nas academias. Como eu tinha o apoio do SESC, como instituição, eu conseguia depilação, eu conseguia bronzeamento pros atletas, massagem. Então assim, a gente foi conseguindo construir algumas estruturas, alguns apoios. Aí nós conseguimos fazer um negócio mais interessante, assim né. Até pra chamar os atletas de volta, pra gente reiniciar a história do fisiculturismo em Mato Grosso, em Cuiabá, e reestruturar.* |
| **13'04''** | Imagem Cristovão | **Fala:** *Foi de 2004 em diante, os campeonatos começaram a ficar um pouco mais interessantes, por conta das premiações, já foram melhorando. Já teve premiação aqui* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *antes de 2004, que os caras premiavam com uma caixa de chá matte, tipo coisa assim nada a ver.* |
| **13’21’’** | Imagem Rafael Bordini<br>Texto: Rafael Bordini<br>Subtítulo: Atleta fisiculturista e treinador | **Fala:** *Era meio que assim: ‘ah eu vou arrumo, eu vou faço, eu vou pego’. Não tinha tantas parcerias. (corta ‘não tinha tanta’) Era mais as pessoas que gostavam mesmo. Era na época quem eu conheci, meu professor Joas, (tira o “ééé”) o Gildo também, (pode tirar ele repetindo o Austrogildo), que ele era o locutor, então ele fazia muita coisa também. Cada um fazia o seu, ninguém se preocupava talvez no nome particular, era no nome do esporte mesmo.* |
| **13’53’’** | Imagem Gerson Nunes | **Fala:** *Do ano 2000 a 2007 o referencial sempre foi o Daniel Rosati, que foi percussor do culturismo e passou todo processo de preparação pra gente. Processo de tinta e tudo mais. Já falecido, um atleta que veio a nos deixar.* |
| **14’14’’** | Linha do tempo | **Música:** Where Your Life Begins - Ryan Keatin, Matthew A. Thomas e Augustine Jacob Rampolla. |
| **14’25’’** | Imagem Cristovão Pinheiro | **Fala:** *De 2004 pra 2006, digamos assim, teve um câmbio, que foi uma mudança, que foi um amigo nosso em comum, que já não está entre a gente, que é o Daniel Rosati. Ele sempre se mantinha no mesmo nível de físico que eu, a gente tinha uma amizade muito próxima. E em 2006 ele me surpreendeu com um físico totalmente diferente. Entendeu? Eu falei: ‘Não, alguma coisa a mais ele está sabendo’.Fui atrás dele e realmente tinha uma pessoa por trás, que já vinha competindo há muito tempo, que é o Edson Serafim. (Tira a parte que ele considera como irmão, é irrelevante) Que inclusive foi* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *bastante importante pro desenvolvimento do esporte aqui em Mato Grosso. Por que foi bastante importante? Porque a partir dele veio o Daniel e automaticamente veio eu. 2007 eu voltei a competir e já voltei em um outro nível acima, que é nível nacional. Eu fui campeão brasileiro esse ano e ninguém nem sabia. Foi onde o pessoal se assuntou, 'poh, Mato Grosso'. Então foi uma surpresa. Foi aí que realmente o Mato Grosso entrou no cenário nacional. Nisso vieram outras pessoas também, que é o Josevan e o Luciano Karin. Que já vinham há algum tempo atrás, mas começaram mesmo a se interessar mais pelo esporte aí. 'Poh, a gente tem condições'.* |
| **16'00''** | Linha do tempo | **Música:** Where Your Life Begins - Ryan Keatin, Matthew A. Thomas e Augustine Jacob Rampolla. |
| **16'12''** | Imagem Gildo Hardmann | **Fala:** *O Joas, como eu disse, ele era professor da Universidade, então ele começou a ter muito pouco tempo né, pra lidar com a organização. Assim como eu comecei a tomar a frente em 2000/2001. Aí chegou o Kin, outros mais, digamos assim também acreditando no projeto, querendo pegar a federação. E aí foi quando eu passei pro Kin em 2007, 2008.* |
| **16'42** | Imagem Cristovão Pinheiro | **Fala:** *Aproveitando que eu estava voltando, eu fiz uma reunião com todo mundo, o Joas, o Bento, o Gildo, as pessoas que estavam na frente né. Alguns atletas importantes, que é o Josevan, Luciano Karin, o Gerson. Falei 'oh, a gente quer que o esporte cresça, como é que a gente faz?' E não teve problema nenhum com isso também. Eles viram que o que a gente* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *queria era melhorar o esporte. Então passaram o comando pra ele, ele deu continuidade.* |
| **17’11’’** | Imagem Luciano Karin | **Fala:** *A gente se reuniu entre os atletas e chegamos à conclusão que era a época de uma grande mudança. Então aonde a gente resolveu, entre os atletas da época em apontar uma pessoa que pudesse assumir a presidência do fisiculturismo. Aonde surgiu o Kin.* |
| **17’37’’** | Imagem Bento Filho | **Fala:** *Eu conversei com o professor Joas naquela oportunidade, falei: ‘professor, a gente já está na federação desde 1993. Acho que a gente deveria dar oportunidade pra jovens começarem. E eles estavam com todo gás ai né. Divulgando também, ajudando a gente na questão da arbitragem, local. Aí nós entregamos, no final do nosso mandato, de maneira transparente, de maneira consensual. Todos foram convocados pra assembléia.* |
| **18’17’’** | Imagem Gerson Nunes | **Fala:** *Falar assim que houve tipo assim uma votação, não existiu. Era o Kin que estava ali pra substituir e foi ele mesmo.* |
| **18’18’’** | Imagem Rafael Bordini | **Fala:** *Muita gente reclama que o Joás não fez nada. Não tinha organizado a federação. Mas as pessoas não entendem que era só ele. As pessoas não entendem que, tipo assim, alguém tem que deixar as coisas de lado, pessoais, pra fazer a parte ali. Poh, o professor também era muito ocupado, ele tinha as coisas dele. Eu não julgo ele em hipótese nenhuma. Tudo que ele fez, possível e impossível pra dar certo. Muita gente reclama: ‘Ah teve 18 campeonatos que a federação só tinha nome de federação, mas não era registrada’. Mas aí eu entro em uma outra indagação: ‘Será também que na época lá ele não tentou fazer tudo isso, mas ele não tinha ajuda de* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *ninguém?' Pra todo mundo é fácil falar, mas pra ter federação existe o custo, pra ter uma federação exige tempo. Então ele tomou as rédeas e ele organizava pelo nome dele, de conseguir um patrocínio aqui, um patrocínio ali.* |
| **19'26''** | Imagem Gerson Felipe.<br>Texto: Gerson Felipe<br>Subtítulo: Atleta Fisiculturista | **Fala:** *A nossa federação com o professor Joás, eu acho que devido ele ter muito afazeres da faculdade, não tinha como ele dar um passo mais a frente. E com isso eu fui um dos atletas que mais brigou com a presidência, pra mudança, pra melhoria pros atletas.* |
| **19'43''** | Imagem Kinssinger Alencastro<br>Texto: Kinssinger Alencastro<br>Subtítulo: Presidente IFBB MT | **Fala:** *O Cristovão falou Kin: 'Será que você não me ajuda a fazer um evento, a melhorar o evento que tem?' 'Aí a gente correr atrás de mais prêmios, mais premiação, pra ficar melhor o campeonato, ficar mais bonito'. Aquela época tinha 6, 10 atletas competindo. Falei: 'Não, vamos correr atrás, irmão'. Corremos atrás, conseguimos. Aí beleza. Acabou campeonato, o Cristovão foi pro brasileiro, quando o Cristovão retornou do brasileiro, ele falou: 'Ah, a gente podia tomar conta da federação'. Falei: 'Ah, tranqüilo, irmão. Eu gosto, eu to com você, então vamos começar a mexer isso aí'.* |
| **20''16''** | Imagem Cristovão Pinheiro. | **Fala:** *Encaixou, porque sempre a gente foi muito próximo. Ele aproveitou essa vertente, o Cristovão foi campeão nacional.* |
| **20'23** | Imagem Kinssinger Alencastro | **Fala:** *Aí nós começamos a correr atrás. Eu comecei a correr atrás e comecei a ver como que funcionava, o que precisava. Liguei pra confederação, vi o que precisava na confederação. Naquela época, a federação ela já estava registrada em* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *cartório, porém ela não tinha CNPJ e precisava fazer tudo isso. Mas primeiro eu precisava me tornar presidente. Aí a gente teve algumas reuniões, fizemos algumas reuniões. E ficou decidido que isso ia passar pra mim. Em mais ou menos 2008 eu peguei a Federação e comecei a mexer. Eu já fiz o evento, já liguei na época pro presidente da confederação, era o Pagnani. O Pagnani nunca tinha falado comigo, gente boa. Fui pro brasileiro de 2008, conheci o Pagnani. Em 2008 mesmo o sulamericano foi aqui no Brasil, foi em Suzano, onde acompanhei o Cristovão. A gente foi, afunilei ainda mais os laços com o Pagnani, tentando fazer com que a nossa federação fosse reconhecida e até mesmo pudesse melhorar.* |
| **21'19''** | Imagem Elves Bos Matozzo<br>Texto: Elves Bos Matozzo<br>Subtítulo: Ex atleta fisiculturista | **Fala:** *O Kin teve trabalho, bastante trabalho. Era processo, advogados, tinha que ir atrás do Joas, tinha que ir no cartório. Então teve toda essa parte jurídica, e eu lembro que eu pegava as vezes o Kin com uma certa dor de cabeça, porque era muita coisa pra estar correndo atrás.* |
| **21'37''** | Linha do tempo | **Música:** Where Your Life Begins - Ryan Keatin, Matthew A. Thomas e Augustine Jacob Rampolla. |
| **21'47''** | Imagem Kinssinger Alencastro | **Fala:** *Em 2009 a gente foi pro brasileiro, fiz o estadual aqui, selecionamos os atletas, fomos pro brasileiro. Só que assim, todo mundo quer, mas poucos fazem. Todo mundo achava bonito. Naquela época nós tínhamos 15 atletas, 100 pessoas de público. Todo mundo acha que federação é uma coisa simples de fazer, ou de me mexer. Quando eu voltei do brasileiro, me chamaram pra uma reunião numa academia.* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *Nessa reunião, quando eu cheguei lá, eu descobri que eles queriam me destituir da federação. Alguns atletas.* |
| **22’22** | Imagem Glauber Bambirra | **Fala:** *O Kin ele assumiu uma federação, no começo ele não tinha experiência alguma, não tinha no hall do que era ser o presidente de uma federação. Ele foi meio que pegando as coisas andando. Então ele teve os erros dele, né. E algumas promessas não cumpridas.* |
| **22’40’’** | Imagem Gerson Felipe | **Fala:** *Por que os atletas queriam que saísse? Algo há. Algo de ruim estava acontecendo.* |
| **22’44’’** | Imagem Gerson Nunes | **Fala:** *Por que queriam tirar? Porque geralmente acontecia de marcar campeonato, não ter tabela, não ter um dia X. O atleta se preparava, não sabia data.* |
| **22’44’’** | Imagem Rafael Bordini | **Fala:** *Nessa transição todo mundo começou a reclamar que a federação nova, que o Kin pegou do Joas, que o Joas abriu mão, quando o Kin assumiu todo mundo “ah, não ta dando certo”, mas o campeonato não tinha nada. A evolução foi acontecendo, só que as pessoas queriam mais, mais e mais. Só que ninguém também estava disposto a ajudar.* |
| **23’07’’** | Imagem Kinssinger Alencastro | **Fala:** *Insatisfação! Ninguém consegue agradar a todos né. No final de tudo eu vi que talvez eu não estaria fazendo um negócio legal. Passou uns meses eu chamei o Josevan, que é um atleta daqui de Mato Grosso também e falei: “Josevan, ta aqui oh. Você entrega pra quem você quiser, eu não sou mais presidente, os caras fazem o que eles quiserem”.* |
| **23’25’’** | Imagem Cristovão Pinheiro | **Fala:** *Foi um equívoco na época* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *tentarem fazer isso. Porque é muito fácil as pessoas tentarem julgar, por exemplo, o Kinssinger, entendeu? "Ah é isso, ou aquilo", mas não pegarem e fazer melhor.* |
| **23'39''** | Imagem Rafael Bordini | **Fala:** *Quando quiseram tirar ele, uma outra pessoa assumiu. Fez a data do campeonato, fez o cartaz, tudo. Chegou na hora do campeonato teve atletas ligando pra mim: "Onde que vai ser o campeonato? Não tem ninguém aqui".* |
| **23'52''** | Imagem Gerson Nunes | **Fala:** *Todo mundo teve uma preparação que foi jogada fora. Satisfação pro atleta nada e só não teve o campeonato e pronto.* |
| **23'59''** | Imagem Glauber Bambirra | **Fala:** *Eu estava preparado, estava já desidratado. E em um dia antes, a noite, eu recebi um telefonema de um colega falando: "Olha, pode sair da dieta, já sai, já me entupi aqui e to com muita raiva". Eu não quis acreditar naquilo. Porque você se prepara pra um ano inteiro, eu tinha chamado muitas pessoas pra ir assistir as competições, inclusive postei nas minhas redes sociais chamando. Teve gente que levou sobrinho, chegou lá deu de cara com o portão fechado. Foi muito constrangedor.* |
| **24'40''** | Linha do tempo | **Música:** Where Your Life Begins - Ryan Keatin, Matthew A. Thomas e Augustine Jacob Rampolla. |
| **24'50''** | Imagem Kinssinger Alencastro | **Fala:** *Quando chegou em 2011, me procuraram de novo, falaram: "Kin, você pode ficar com a federação?" Falei: "Eu posso, desde que eu não quero nenhuma conversa fiada. Eu faço porque eu gosto. Eu não estou aqui pra brincar." Aí 2010, final de 2010 eu retornei pra federação, acabei de arrumar as coisas que precisavam arrumar. E de lá pra cá a gente vem tentando fazer ela crescer.* |

| | | |
|---|---|---|
| **25’21’’** | Imagem Gorbachev Oliveira<br>Texto: Gorbachev Oliveira<br>Subtítulo: Vice-Presidente da IFBB MT | **Fala:** *Eu lembro até hoje, o primeiro campeonato que eu ajudei a montar, a fazer, tinha 12 atletas.* |
| **25’28’’** | Imagem Murilo de Paula<br>Texto: Murilo de Paula<br>Subtítulo: Ex-atleta fisiculturista | **Fala:** *Quem competia nessa época, era realmente quem tinha interesse, quem ia atrás do esporte.* |
| **25’35’’** | Imagem Kinssinger Alencastro | **Fala:** *O Pagnani, que era o presidente da confederação veio a falecer por um câncer. Aí o Maurício Arruda entrou na confederação. Como o Maurício era um cara de muita influência e ele é da executiva da IFBB internacional. Com alguns trabalhos, com muito esforço, ele trouxe o Arnold Brasil para o Brasil. E a gente fazendo nosso trabalhinho aqui, né, formiguinha. Pra tentar crescer e agregar valor, tentar ter mais atletas para o nosso Estado.* |
| **26’07’’** | Imagem Gerson Felipe | **Fala:** *Devido a muita pressão minha, dos atletas, principalmente minha, falo sempre isso, os atletas sabem disso, ele começou a dar uma evoluída, começou a dar uma melhorada. Melhorou, evoluiu.* |
| **26’18’’** | Imagem Kinssinger Alencastro | **Fala:** *Aí teve uma crescente. Foi quando o primeiro Arnold Brasil aconteceu. De lá pra cá, as coisas foram mudando. O Maurício conseguiu trazer outros campeonatos internacionais pra cá. Trouxe o mundial em 2014. E aí foi onde a gente começou, automaticamente, crescer junto com toda essa crescente que vinha acontecendo no Brasil inteiro.* |
| **26’39’’** | Imagem Elves Bos Matozzo | **Fala:** *E eu acompanhei ao longo dos anos. Sempre foram empurrando com a barriga e ninguém falou: “Eu vou fazer”. Então o Kin decidiu, falou: “Eu vou fazer”. Tirou tempo pra isso. Tirou dinheiro do bolso dele. E fez o* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *que fez.* |
| **26’54’’** | Imagem Glauber Bambirra | **Fala:** *Hoje a federação já consegue um lugar melhor pra competir, um lugar melhor pra dispor os atletas, questão de patrocínio pra manter toda aquela organização, questão de premiação. Hoje você vê troféus bem mais elaborados.* |
| **27’13’’** | Imagem Rafael Bordini | **Fala:** *Eu peguei essa transição e hoje eu falo que ta excelente de organização, excelente. Por quê? Porque a gente ta vendo ali de perto o quanto é gostoso. O quanto toma tempo, o quanto toma responsabilidades. E as pessoas só apontam o dedo.* |
| **27’33’’** | Imagem Gorbachev Oliveira | **Fala:** *A gente consegue fazer competições hoje, não só em Cuiabá, mas no interior. Até pra fomentar mais o nosso esporte e a cultura do fisiculturismo. Hoje a federação possui parceiros. Hoje a gente consegue montar um campeonato com uma estrutura diferenciada, não tinha isso antes. Consegue manter mesmo um calendário de competições, que antigamente não tinha.* |
| **27’59’’** | Imagem Rafael Bordini | **Fala:** A gente pode falar que o nível do Estado nosso ta muito bom, a gente ta muito bem representado lá fora, muitos atletas bons. Eu acho que também falta essa união pra gente poder melhorar. Mas da onde estava e onde a gente está, o pulo foi muito grande. Muito alto mesmo. E eu acho que é isso. |
| **28’15’’** | Imagem Gerson Felipe | **Fala:** *Hoje dou parabéns pra ele. Mas ta pecando muito ainda em algumas coisas que eu cobro dele. Quando ele acerta elogio, quando ele erra eu vou lá e critico.* |
| **28’24’’** | Imagem Rafael Bordini | **Fala:** *A gente percebe que todo mundo reclama. Mas aí a gente abre a votação, abre eleição e não tem* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *chapas concorrentes.* |
| **28’33** | Imagem Cristovão Pinheiro | **Fala:** *O esporte cresceu porque as coisas ficaram mais visíveis pra todo mundo. Com internet, facilidade né, acesso às redes sociais. As pessoas passaram a buscar mais como se preparar. E a mudança foi mais aí mesmo, porque organização só foi melhorando a cada ano que passou. Em relação a organizar lugares melhores, patrocínio e divulgação. Mas conta, com certeza, a muito boa vontade do Kinssinger em querer que o esporte cresça.* |
| **29’06’’** | Imagem Kissinger Alencastro | **Fala:** *Hoje nos nossos eventos nós temos mais de 100 atletas. Público de mais ou menos 1500 pessoas. Todos os lojistas hoje nos apóiam. Temos os representantes que nos apóiam. As fábricas que nos apóiam. E eu ainda falo que nós ainda não crescemos ainda 10% de tudo que ainda temos pra crescer.* |
| **29’27’’** | Imagem Elves Bos Matozzo | **Fala:** *No final das contas ele conseguiu ter esse êxito, e deixou a federação do jeito que ela ta hoje. Funcionando legalmente e tal. Hoje é uma das melhores federações estaduais do Brasil.* |
| **29’40’’** | Imagem Kissinger Alencastro | **Fala:** *O que eu fiz pra que tudo isso acontecesse? Trabalhei. Eu gosto do que eu faço. Falar: “Kin, você ganha dinheiro hoje como presidente da federação?” Eu não. Eu levo pedrada, um monte. Eu gosto do que eu faço, eu faço por amor. Eu gosto de chegar no dia do evento e ver os caras todo mundo lá em cima. Eu gosto de chegar no dia do evento e ver a casa cheia. Eu gosto de ver a mudança que os atletas, que acontece com eles do OFF até em cima do palco. Eu gosto de ver... Isso eu gosto. Meu olho brilha.* |
| **30’10’’** | Imagem Cristovão | **Fala:** *Não tem esse negócio de, por exemplo, o Judô, eu treinei 10 anos, você treinou um ano. Eu dei uma* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *bobeira, você me derrubou. Mas não é o caso do culturismo. Ta ali oh, dá pra ver. Esse ta melhor que esse, que ta melhor que esse, que ta melhor que esse. Então mesmo assim ainda existe os favoritos. Essa é a principal situação que deve ser melhorada. A imparcialidade.* |
| **30'31''** | Imagem Gerson Felipe | **Fala:** *O tempo passa e a cada dia que eu vejo, vejo o esporte crescendo, dinheiro entrando muito, evoluindo. Crescendo muito o esporte, mas atletas sem incentivo.* |
| **30'42''** | Imagem Gerson Nunes | **Fala:** *Então essa interação é o que falta hoje em dia. É isso que eu fico meio assim descontente. Eu acho que se existir um talento, vamos apoiar, vamos tentar colocar pra frente.* |
| **30'55''** | Imagem Kinssinger Alencastro | **Fala:** *Todo mundo quer, todo mundo quer, mas ninguém corre atrás, né. Infelizmente a água tem que bater na bunda ainda de muita gente aqui pra poder fazer isso crescer. Então assim, desculpa. Vai demorar pra crescer.* |
| **31'08''** | Imagem Gorbachev Oliveira | **Fala:** *Se as pessoas conhecessem o que é realmente o fisiculturismo por dentro, a disciplina, a dedicação de cada atleta, cada participante que está em cima do palco, elas iam se apaixonar também. Então o que eu espero é que o esporte cresça, tenha mais mídia, tenha mais parceiros que queiram ajudar mesmo no crescimento do esporte. Porque realmente não ajuda só no físico e mental, mas na parte emocional de qualquer um que leva o esporte mais a sério.* |
| **31'34''** | Imagem Anna Moraes<br>Texto: Anna Moraes<br>Subtítulo: Atleta fisiculturista | **Fala:** *É um esporte maravilhoso. Você tem que se dedicar, você tem que ter uma disciplina. E a gente consegue pegar toda essa dedicação pra outros meios da nossa vida.* |

| | | |
|---|---|---|
| **31’47’’** | Imagem Índio Brasileiro Jr.<br>Texto: Índio Brasileiro Jr.<br>Subtítulo: Atleta fisiculturista | **Fala:** *O que move um atleta é o trabalho, o foco (cortar: como eu te falei) e a disciplina.* |
| **31’54’’** | Imagem Elves Matozzo | **Fala:** *Não diferente de qualquer outro atleta do Brasil e qualquer outra área. No futebol, no atletismo, ou no halterofilismo, não importa.O que move ele é a vontade de ser, o amor e crescer dentro daquilo. E tipo assim, ser digno de estar fazendo aquele determinado esporte.* |
| **32’’06’’** | Imagem Luciano Karin | **Fala:** *Uma das coisas em que o atleta se depara com uma grande dificuldade seria na questão do patrocínio. ... Eu acredito que vão chamar mais patrocinadores, mais empresários pra dentro desse todo contexto.* |
| **32’59’’** | Imagem Luann Gollin<br>Texto: Luann Gollin<br>Subtítulo: Atleta fisiculturista e treinador | **Fala:** *Mato Grosso tem crescido muito, se você reparar de 2012 pra cá, 2016, tem crescido muito, tem praticamente dobrado o número de atletas, de pessoas simpatizando com o esporte. Eu acho que a tendência é crescer cada vez mais e isso é muito positivo.* |
| **33’17’’** | Imagem Murilo de Paula | **Fala:** *Antigamente a gente era visto como o pessoal pintado de sunguinha, hoje em dia não, hoje em dia a gente tem admiração porque um maior número de pessoas sabe como é difícil você ta em cima do palco bem qualificado. / Então eu espero que venha a crescer mais e que as pessoas se interessem, porque além de engrandecer o esporte, gera uma qualidade de vida, de saúde, pras pessoas.* |
| **33’39’’** | Imagem Fabíola Salles<br>Texto: Fabíola Salles<br>Subtítulo: Atleta fisiculturista | **Fala:** *Eu me apaixonei por esse esporte e representa assim uma forma da gente se conhecer. É uma forma de eu me conhecer. De eu respeitar os meus limites, mas saber que eu posso me superar cada vez mais.* |

| | | |
|---|---|---|
| **33’55’’** | Imagem Ariana Guia<br>Texto: Ariana Guia<br>Subtítulo: Atleta fisiculturista | **Fala:** *Você tem que fazer porque você gosta. Porque as dificuldades são grandes. O custo é alto e envolve sim um sofrimento. Porque você fazer uma dieta restrita, literalmente restrita não é fácil. Se uma pessoa vier, chegar até aqui e falar: “É super fácil fazer dieta”, não, não é.* |
| **34’15’’** | Imagem Michelly Matos<br>Texto: Michelly Matos<br>Subtítulo: Michelly Matos | **Fala:** *Tem gente que pergunta: ‘O que você ganha? Quanto você ganha?’. Eu não ganho preço. O que eu ganho não tem preço, o que eu ganho tem valor. É o sentimento envolvido. É o que eu represento para as mulheres. É essa dedicação. É essa superação. Superação minha também.* |
| **34’34’’** | Imagem Austrogildo | **Fala:** *Isso é pra vida inteira. Não é um momento que ele ta passando como atleta, mas é uma construção. Pra fazer um atleta, ou pra ele engajar nessa vida ele tem que calejar um pouquinho, uns dois, três anos, pra ele ver se é isso mesmo que ele quer, se ele aguenta isso e que isso é um estilo de vida. E se ele aguenta daqui pra frente, não é um momento que ele vai viver, senão não dá certo.* |
| **34’59’’** | Imagem Glauber Bambirra | **Fala:** *Esse esporte ele se trata de uma superação em que você tem que ser melhor que você mesmo todos os dias. Então você tem que se cobrar. Você às vezes não tem uma cobrança externa. Às vezes o externo na verdade é o contrário, eles não te cobram, eles falam pra você: ‘’Pára com isso!’’ E aí você tem que ir contra o que falam e ir a favor do seu coração.* |
| **35’25’’** | Imagem Rafael Bordini | **Fala:** *Eu vivo isso todos os dias. Toda vez que eu acordo, toda vez que eu vou comer, toda vez que eu vou sair pra rua, eu penso nisso, eu faço isso. Então, é difícil? É difícil. Porque a gente tem pessoas dos nossos lados, minha família, eles não* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *tem culpa de nada disso, eu que quero fazer. Então é um fato de gostar mesmo, de se dedicar a aquilo ali e ver que lá na frente a gente se superou. A gente consegue ir um pouquinho mais além.* |
| **35'56''** | Imagem Kinssinger Alencastro | **Fala:** *A superação. O construir. É você poder se olhar no espelho e falar assim eu posso mudar, eu posso ser, eu posso mudar, eu consigo mudar. E todo dia você se superar. É descobrir que você tem uma falha no peito e mudar.Descobrir que... É como o Arnold falava: Você vai esculpir seu corpo, né.* |
| **36'23''** | Texto: "Existe o mundo das pessoas normais e o mundo dos fisiculturistas. Você nunca será um fisiculturista se não sair do mundo das pessoas normais". Kissinger Alencastro | **Música:** Eye Of the Tiger - Survivor (Até o fim do documentário)<br>**Que será alterada para:**<br>Gonna Fly Now - Bill Conti |
| **36'39''** | Texto: Dedico este trabalho a cada fisiculturista desvalorizado, sem patrocínio e que sobe no palco somente por amor ao fisiculturismo. | |
| **37'01''** | Imagem Campeonato Mato-grossense (que diminui e fica somente no centro) | |
| **37'06''** | Texto:<br>**Produção / Roteiro / Direção:**<br>Karina Silva Cabral<br><br>**Imagens:**<br>Benedito Costa<br><br>**Edição:**<br>Thiago Brito e Daniel Morita<br><br>**Orientação:**<br>Thiago Cury | |

| | | |
|---|---|---|
| | **Entrevistados**<br><br>- Kinssinger Alencastro Antunes.<br>- Bento Edifanio Filho.<br>- Luciano Karin.<br>- Glauber Bambirra.<br>- Austrogildo Hardmam,<br>- Cristovão Santiago Pinheiro da Silva.<br>- Gerson Nunes.<br>- Rafael Bordini da Silva.<br>- Gerson Felipe Machado.<br>- Elves Bos Mattozo.<br>- Gorbachev Oliveira.<br>- Murilo de Paula Souza.<br>- Cleonice Pinheiro.<br>- Constancia Pereira de Godoy Pinheiro.<br>- Ariana Cristina A. Guia.<br>- Anna Moraes, 27 anos.<br>- Índio Brasileiro Soares Júnior.<br>- Luann Gelcy Gollin.<br>- Fabíola Salles.<br>- Michelly Matos. | |

**ROTEIRO 2:**

**BÔNUS – CRISTOVÃO PINHEIRO**

| | **VÍDEO** | **ÁUDIO** |
|---|---|---|
| **00’01’’a 00’03’’** | Imagem: Entra em sequência foto de Joás no canto superior esquerdo; vídeo de Bento no canto inferior esquerdo; vídeo de Gildo no canto superior direito; vídeo de Kissinger no canto inferior direito. | **Voice-over:** *Joás, Bento, Gildo, Kinssinger e centenas de atletas e dirigentes da IFBB...* |
| **00’04’’** | Depois imagem de apoio de jurados no campeonato mato-grossense. | **Voice-over:** *Passaram e marcaram seus nomes dentro dos 25 anos de história da IFBB Mato Grosso.* |
| **00’14’’** | Imagem Cristovão Pinheiro | |

| | | |
|---|---|---|
| **00’45’’** | Fotos Cristovão Pinheiro<br>Imagem Luciano Karin | **Voice-over:** *Porém tem um nome especial. Alguém cuja história se entrelaça com a da federação. Exemplo para 10 entre 10 fisiculturistas matogrossenses, Cristovão Pinheiro é um dos maiores responsáveis pelos atletas do estado serem respeitados em âmbito nacional e até internacional. Uma pessoa humilde, que com força de vontade e disciplina conquistou seu espaço e carimbou seu nome no esporte e na vida de muitos atletas.*<br><br>**Fala:** *Existe um atleta aqui em Cuiabá, chamado Cristovão Pinheiro, então ele foi o pioneiro em participar em campeonato brasileiro aqui em Cuiabá e começou a se destacar. Aí olhando o trabalho dele, olhando as atitudes, prestando atenção nas atitudes dele na época, comecei a perceber aquilo e vi que talvez eu teria a possibilidade de também me destacar lá fora.*<br><br>**Fala:** *É aquele negócio que o Kinssinger sempre usou, você foi o cachorro/ coelho né, pros cachorros irem atrás. Você solta o coelho na corrida de cachorros né. Então o pessoal foi vindo atrás e foi mudando realmente.*<br><br>**Fala:** *Quem é o Cristovão, né? Ele é um vencedor. Ele saiu do nada. Hoje ele tem um nome a zelar. Nacionalmente, quem é Cristovão? Se você falar assim: “Kin, Cristovão vai voltar a competir”. Quando ele chega numa competição, num brasileiro, todo mundo fala assim: “Cristovão ta ai, Cristovão ta ai... O Cristovão vai subir.” Todo mundo para o evento pra ver o Cristovão no palco. Esse é o Cristovão.*<br><br>**Fala:** *Eu entrei na academia por intermédio de um primo meu. Eu entrei pra treinar pro judô. Porque* |
| **01’16’’** | Imagem Cristovão Pinheiro | |
| **01’29’’** | Imagem Kinssinger Alencastro | |
| **01’59’’** | Imagem Cristovão Pinheiro | |

| | | |
|---|---|---|
| **02’17’’** | Foto Cristovão<br><br>Imagem Cleonice Pinheiro<br>Texto: Cleionice Pinheiro<br>Subtítulo: Irmã do Cristovão | *eu era do judô, tinha uma certa dificuldade em ganhar peso, ficar forte. Entrei na academia pra isso. 6 meses foram suficientes pra eu entender que judô não era o meu lugar.*<br><br>**Fala:** *Ele era mirradinho. No começo ele chegou de desfilar como manequim. Desfilava com as meninas nas escolas. Fazia desfile de tão magrinho e miudinho que ele era. Aquele corpinho de manequim.* |
| **02:32** | Imagem Cristovão Pinheiro | **Fala:** *Logo me falaram que eu tinha jeito pra isso aí e acabei entrando pra ver se era isso mesmo. E eu ali naquela ânsia do começo, tudo tranqüilo, tudo favorável pra mim. Ganhei o campeonato aqui, no estadual. No mesmo ano eu fui pro brasileiro. Foi em São Paulo. Lá eu vi que a realidade era outra, nesse ano de 96. Falando hoje, as pessoas vão achar engraçado, mas a minha dieta foi a base de pão integral, suco de laranja e peito de peru. Na época foi isso que eu comi pra ir competi. Nessa época já tinha pintura pro corpo né. E a minha pintura na época foi uma mistura de cenoura, beterraba e urucum, com óleo johnson. Quando eu estava fazendo minha apresentação individual, pra você ver que a gente não sabia nada do que que é mesmo fisiculturismo. Eu estava bem cru mesmo. Da platéia teve um cara que gritou... (eu estava com número 38). Ele gritou: “Tira esse 38 daí”. Foi engraçado porque eu falei: “Poh, eu devo estar ruim mesmo”. De lá pra cá eu fiquei fora um outro ano daqui. Estudei fora. Fiquei morando na Bolívia, que eu cheguei a estudar medicina um tempo. Mas eu fiquei de 97, até 2001* |
| **03’53’’** | | |

| | | |
|---|---|---|
| | Imagem Cleonice Pinheiro | *na Bolívia.* |
| **04’01’’** | Imagem Cristovão Pinheiro | **Fala:** *Lá, mesmo sem o apoio da família, mesmo sem a gente ta junto com ele. Ele participou de campeonato lá. Lá ele ganhou.* |
| **04’19’’** | Imagem Cleonice Pinheiro | **Fala:** *Competi o ano de 97 lá. Mas já com o auxílio, com o amparo de outras pessoas de lá, lá de Cochabamba. Que já sabiam muito mais de musculação do que aqui. Então é até engraçado: Poh, na Bolívia eu aprendi a treinar e fazer dieta lá.* |
| **04’35’’** | Imagem Kinssinger Alencastro | **Fala:** *Pra ele se destacar entre eles lá, porque ele tem um pouco do índio, do boliviano. Então lá, pra ele se destacar, ele pintou o cabelo de loiro. Pra parecer assim bem brasileiro, né. Nós ficamos assustados tudo quando vimos as fotos.* |
| **04’44’’** | Imagem Cristovão Pinheiro | **Fala:** *Quando ele voltava de férias, cada vez ele voltava maior. Cada vez ele voltava melhor.* |
| **05’30’’** | Imagem Constancia Pinheiro<br>Texto: Constancia Pereira Pinheiro<br>Subtítulo: Mãe do Cristovão | **Fala:** *E aí lá eu fui campeão estadual em 97, na júnior. E fui campeão nacional. 98 eu fui campeão estadual na sênior já. Fiquei em 2º na sênior, no nacional. E em 99, eu participei de um campeonato aberto. No qual foi a primeira vez que eu ganhei algo em dinheiro. Na época foi 100 dólares. Em 99 era bastante dinheiro pra gente que estudava na Bolívia. Deu pra resolver bastante coisa. E de lá pra cá eu dei uma parada nas competições. Continuei treinando. Voltei, não consegui concluir o curso lá. Na época, complicado essa questão do dólar, enfim.*<br><br>**Fala:** *A vocação dele não era pra ser médico. Aí eu falei pra ele: “Meu filho, tranca a matrícula e vem embora. Venha embora!” Aí Mandei dinheiro pra ele, ele veio embora.* |

| | | |
|---|---|---|
| **05’54’’**<br><br>**06’23’’**<br><br>**06’33** | Imagem Cristovão<br><br>Imagem Kinssinger Alencastro<br><br>Imagem Cristovão Pinheiro | *Falei: “Depois, chegar aqui a gente dá um jeito aí. Depois se quiser voltar, volta.” Quero ver, não quis mais.*<br><br>**Fala:** *Voltei em 2001 pra cá, mas eu ia nas competições só como jurado.Voltei a competir em 2004, numa competição que eu não gosto nem de lembrar dessa competição, porque assim eu me preparei nas coxas. Uma coisa que eu não me orgulho, pra falar a verdade. Acabou dando certo porque não tinha competidores de nível. Acabei me dando bem por conta desse detalhe. E não que eu estivesse bem preparado. Muito longe disso.*<br><br>**Fala:** *Assim, desculpa. Na época não tinha ninguém. Como personal, que entendia mesmo disso aqui. Nessa parte não tinha ninguém.*<br><br>**Fala***: E no ano de 2006, mais especificamente, eu me reencontrei com um amigo, que é o Daniel Rosati. A gente sempre tinha o mesmo nível de físico. Ele era mais baixo, então era bem mais impressionante, porque a gente tinha mais ou menos o mesmo peso. Mas ele apareceu uma condição física muito boa, que foi onde me interessei em voltar a competir de novo. Fui pra vê-lo no campeonato brasileiro de 2006 e acabei tendo uma noção de como que estava o nível. Vi mais ou menos onde que eu poderia entrar e nesse ano foi quando eu conheci um amigo muito próximo, que é o Edson Serafim. Foi o divisor pra eu juntar o que eu sabia, com o que ele sabia, e as coisas começaram a fluir. Na época, eu trabalhava em academia e trabalhava de segurança. Então era* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *complicado. Falei: "Como é que vai ser isso? Como é que vou me preparar pra ser fisiculturista sendo que eu trabalho a noite?" Então eu tive que abrir mão. E acabou dando certo. Porque eu comecei uma dieta com 132 kg, estava bem gordo, né. E 8 meses depois eu estava com 90 kg. Perdi 42 kg. A gente usava Drintan, que é uma pasta, meio oleosa. Diferente do Protan. E eu era um dos únicos praticamente que tinham, porque ninguém nem estava acostumando a ver aquele tipo de pintura. De como que realmente foi uma coisa que deu a largada. Foi em 2007. Quando eu entrei pra competir, todo mundo falou: "Cara, esse cara vai dar trabalho pro Cristovão, ele ta bem demais." E era eu. Pra você ter uma idéia do nível que ficou, a diferença que ficou.* |
| **8'11''** | Imagem Gerson Felipe | **Fala:** *O Cristovão estava muito fora do peso e muita gente não acreditava na volta dele. Nossa, quando eu vi esse cara pronto. Se não me engano foi em 2007. Eu acompanhei. Inacreditável mesmo.* |
| **8'23''** | Imagem Cristovão Pinheiro | **Fala:** *Foi onde realmente as pessoas viram que fazer dieta era uma coisa totalmente diferente. Porque eu apresentei um físico tão bem encaixado, digamos assim, bem trabalhado, que eu fui campeão brasileiro esse ano. E ninguém nem sabia. Foi onde o pessoal se assustou: "Poh Mato Grosso?" Algumas pessoas perguntam pra mim, ou comentam com amigos: "Cristovão entrou e já foi ganhando tudo". Mas isso foi em 2007. Então eu comecei em 94. Antes de 94 eu já fazia musculação. Mas nada* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *específico, mas já existia um trabalho. Ou seja, se for contar assim especificamente, eu comecei a treinar com 12 anos. Porque eu já era do judô. E muleque atentado né, gosta de fazer, pegar peso feito em casa, de cimento, era o que a gente fazia. De lá pra cá, associado ao Kinssinger, foi como se encaixou. Porque sempre a gente foi muito próximo. Ele aproveitou essa vertente "Cristovão foi campeão nacional", e daí pra frente eu só fui pra cima. No outro ano de 2008, eu já consegui, por conta que eu já comecei contato ali com o pessoal a nível nacional, né. Eu já consegui ir direto para o sulamericano. Não precisei passar pelo campeonato brasileiro, de tão bem visto que eu já fui. Eu ganhei o sulamericano, a minha categoria. Até com uma certa folga, digamos assim. E por pouquíssimos pontos eu não fui campeão overall. Daí nós fomos pro mundial. Formou-se uma seleção brasileira, nós fomos para o mundial no Barém. E eu cheguei no mundial assim posudo, porque eu tinha sido campeão sulamericano, né. Cheguei lá, na hora que eu vi um monte de atleta, mais precisamente, acho que no primeiro campeonato foram 42 atletas. Mas não dava pra você saber quem era o bom, quem era o ruim. Pareciam todos iguais. Aí que eu vi que o negócio era mais embaixo, que tinha que manter a cabeça no lugar, porque tinha muito trabalho a ser feito ainda. Fiquei em 16º colocado. De todo mundo achar que de repente eu sempre ganhei, né.Em 2009 foi um ano bem conturbado pra mim, foi um ano que eu pensei em parar. Como já existia uma seleção brasileira, mais* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *ou menos já éramos cartas marcadas. Esse nessa categoria, esse nessa e não muda. A categoria de 90 kg pra mim já começou a ficar inviável. Eu não conseguia mais baixar com facilidade. Eu me definhei (entendeu) praticamente pra chegar na categoria.Quando foi no Peru, em 2009. Esse ano todo mundo já deduziu: "O Cristovão vai ganhar o Overall", então criou aquela expectativa em cima do meu físico né, (da minha pessoa). E o que não foi. Não aconteceu. Porque eu precisei forçar tanto na minha dieta, que depois eu abaixei, consegui pesar 89,800, (minha categoria era até 90 kg), mas eu não consegui me recuperar pro campeonato. O meu corpo não respondeu, ele não retornou ao tamanho que era pra retornar. Em 2008 eu pesei o mesmo peso e um dia e meio depois eu estava com 8 kg a mais. E pra esse campeonato aí, eu não consegui aumentar 4 kg. De tanto que meu organismo ficou desregulado, por conta de baixar peso. Aí com conversa com o presidente da época, que era o Alexandre Pagnani, ele autorizou eu ir na categoria de 100 kg no mundial que foi no Catar.Então eu cheguei 7 semanas depois, pra uma categoria acima, que tinha a mesma quantidade praticamente, ou mais de atletas esse ano, eu fiquei em 9º colocado. Aí já configurou que o Cristovão é da categoria 100 kg mesmo. No ano de 2010, teve uma seleção, um campeonato, foi o primeiro campeonato pra já desde o começo do ano decidir quem vai competir nos campeonatos sulamericano e mundial. Eu entrei foi* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *chamado Copa Elite, foi a primeira e a última que teve também. Eu ganhei minha categoria, me classificando pro campeonato ou sulamericano, ou mundial. Só que teve um fato que não me agradou. Eu não gostei de não ter ganho o overall dessa campeonato, eu não achei justo. Não satisfeito com isso, eu falei: "tudo bem, já que não me deram aqui, eu vou competir no campeonato brasileiro". Mas a pessoa que tinha ficado na minha frente nesse ano não foi competir no campeonato brasileiro. Então não tinha como saber se realmente tinha sido justo ou não. Mas eu fui pro campeonato brasileiro, ganhei minha categoria de 100 e ganhei o overall. Foi o primeiro ano que eu fui campeão overall. Só que aí eu não fui pros campeonatos, por falta de estrutura financeira, não fui pro sulamericano, nem pro mundial. No ano de 2011, eu fui pro campeonato brasileiro porque já era exigência da gente ir. Foi um ano de transição. Os que ficaram que hoje é a IFBB Brasil, resolveram que todo mundo tinha que participar do campeonato brasileiro de novo. Então foi onde eu fui, na semi, ganhei a minha categoria e ganhei o overall do brasileiro. Fui pro sulamericano ganhei minha categoria e ganhei o overall. Esse ano de 2011 ganhei tudo. Só não fui pro mundial justamente por conta de estrutura financeira.2012, eu achei que eu já tinha vaga, porque. Eu tinha sido campeão brasileiro Overall, campeão sulamericano, eu achei que eu já tinha direito de escolher pelo menos o campeonato que eu queria ir. E ai eu queria ter ido direto pro Arnold* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *Madri. Faltando 5 semanas pro campeonato brasileiro, eles falaram que eu ia ter que ir pro brasileiro de novo. Aí eu tive que apertar a dieta. Ainda bem que acabou dando certo. Eu ganhei a minha categoria, mas de novo fiquei na dúvida. Ficou na dúvida entre eu e o Júlio Balestrin a overall. Esse ano, eu estava certo que eu era campeão Overall, que eu tinha ganhado dele, do Júlio. Tanto é que o Júlio estava sentado num canto assim já com uma toalha pra enxugar a tinta, antes de chamar o nome. Aí eu estava de pé, naquela expectativa. E aí no final chamaram o nome dele. Mas humildemente tanto da minha parte, quanto da parte dele ok. Nós respeitamos os critérios que foram colocados e pronto. Ficou ta tudo certo. Nós somos amigos normal. Mais uma vez isso me serviu pra chegar melhor preparado no Arnold Classic Madri. Eu cheguei eu acho na melhor condição que eu já tive em qualquer competição. Então eu ganhei até com certa folga. Nós chegamos no local, em cima do horário que tinha que chegar, na verdade até um pouquinho atrasados. Só que a gente se perdeu de onde era pra estar nesse momento. O fato de eu ter estudado na Bolívia, ter aprendido a falar espanhol, me ajudou muito. Porque eu cheguei pra entrar, o cara não quis, não ia deixar, só que eu comecei a falar espanhol com ele. E ele na hora aceitou. Ele falou: "oh, você tem um minuto pra passar óleo". E foi onde o Serafim entrou um minuto, ele passou óleo em mim em um minuto, eu não aqueci nada, e como eu tinha sido o primeiro a me pesar, eu fui lá pro* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *primeiro da fila. Quando eu entrei no palco, eu já consegui visualizar a expressão dos jurados pra mim. Eles foram me acompanhando assim oh. Todos, com o olho. Os caras ficaram do lado e eles falaram: "não, esse cara ta diferente mesmo". Então, eu ganhei. Ganhei minha categoria. O cara que ficou em segundo era lá da Espanha, lá de Madri. Fato interessante em falar porque geralmente quem é do lugar dificilmente perde assim. Se tivesse mais ou menos pareio ali não ia ter, ia ter favoritismo, porque é o normal de ter. Falar: "ah eles estão iguais, então vou dar pra quem é daqui". No Overall tinha um favorito, que é o Alexei. E no final foi mais ou menos assim, o Alexei esperando pra subir no palco e os cara chamaram o Alexander. Mas o fato foi que nas contagens da pontuação, das pessoas que foram atrás pra ver como que foi, eu fiquei em segundo. Na contagem eu se não fosse por pouco eu teria sido campeão overall e aí eu iria ter pego meu pro card esse ano né. Mas melhor foi quando a gente desceu. Tem os stands e tem os caras do profissional. E eu encontrei com alguns deles, cara e os caras viram me falar: "Poh: 'Se esse mesmo campeonato tivesse sido nos EUA você iria ter sido overall provavelmente". Porque a linha é linha de americano, não é linha de europeu. Então esse foi um fato que fez simplesmente deu um gás. Falei poh to fazendo a coisa certa, eu to no caminho certo. Falta pouco. Só que o que eu percebi esse ano foi que eu estava com hérnia umbilical, que estava tirando um pouco da minha* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *estética. E começou a me incomodar. Em 2013 eu resolvi fazer uma cirurgia e colocá-la. 2013 fiquei sem competir. 2014 passei pelas mesmas confusões. Os caras me fizeram de novo ir pra campeonato brasileiro. E eu tinha me preparado pra ir direto pra Madri. Acontece que teve outra burocracia, eu tive que ir pro campeonato brasileiro. Perdi pro Alex dos Anjos, um atleta muito bom. Mas consegui classificação, porque eram os 3 primeiros né, pra ir pra Madri. Mas também me frearam de ir pra Madri esse ano. Por que? Eu teria que ter competido em um campeonato sulamericano, que ficava ali entre brasileiro e Madri, ou então no mundial. Eu decidi pra ir, optei por ir no mundial. Só que os cara não deixaram, porque alegaram que talvez eu não iria pro mundial sendo que eu tivesse ido pra Madri.Um fato que eu achei muito de desconsideração total, de desrespeito. Porque eu poderia ter chegado, poderia estar muito bem em Madri. Mas caímos naquela outra situação que nada acontece por acaso né. Então não fui. Acabei perdendo a maior grana na época e não fui.Então dei continuidade e fui pro campeonato mundial. Bom, eu fui na categoria de 100 kg e por pontos acabei ficando em segundo. Exisita o dopping. Dois doppings tiveram. Teve dopping da WADA, que é uma liga conjunta com o COB, Comitê Olímpico. Eu fui escolhido da minha categoria, e passei pelo dopping também da IFBB, que é sorteio, mas só que eu não fui sorteado, só fui no da WADA. E como não existe como ser hipócrita nesse meio aí, com* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *certeza quem fosse pego pra dopping ia cair no dopping, sem sombra de dúvida. Então foi aí que eu já fiquei desanimado. Poh, me pegaram no dopping, sendo que eu ia dar o meu pulo agora pro profissional, provavelmente teria acontecido isso. Foi tanto investimento, tanto investimento. E esse ano teve o sulbrasileio e a premiação foi um carro, no valor de 35 mil. E eu fui, acabei ganhando o carro. Que foi uma coisa assim: 'Há males que vem pra bem, né'. Eu não fui em Madri, acabei não indo, perdi lá, mas recuperei aqui. Deu um tempo aí por conta do dopping, se configurou depois, que eu realmente estava. Tive que ficar dois anos e ainda to no tempo de afastado pelo dopping. Foi do ano de 2015 e agora 2016. E provavelmente pra voltar a competir, a partir do próximo ano, 2017. Eu não sabia nem que eu dava conta de fazer dieta. Eu queria sempre ser forte. Sempre ser musculoso, esse é um sonho que sempre eu quis. Desde que eu me entendo por gente eu sei de Arnold ... Mas existiram outras pessoas né, que passaram pela minha vida. Não deixaram de ser importante, com certeza. Mas não tem como falar do meu êxito no esporte, sem falar da constância na minha vida, que é a minha mãe.* |
| **21'14''** | Imagem Cleonice Pinheiro | **Fala:** *Às vezes chega aqui em casa detonado. Ela que é a massagista. Aí ele entra aí, vai lá no fundo: "Mamãe, mamãe, cadê mamãe?"* |
| **21'21''** | Imagem Cristovão Pinheiro | **Fala:** *Pra você ter uma ideia. Minha mãe chegou num nível, tão simples, que sem falar pra mim eu já chegava lá e já estava a comida certa,* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *quantidade certa.* |
| **21’28’’** | Imagem Constancia Pinheiro | **Fala:** *Primeira coisa que ele pediu pra mim fazer foi a comida da dieta dele, né. Aí eu falava pra ele: “Como que eu vou fazer essa comida? Eu não sei fazer comida de dieta.” Aí ele pegava as informação com os amigo dele e vinha aqui: “Mãe, vou falar pra senhor como que faz”. “Então fala.” Aí eu começava a fazer. Do jeito que ele gostava, né. Ah eu fazia, corria mesmo, pra fazer as coisas pra ele não sentir muita fome, que ele não podia mesmo comer muito né. Era só assim aquela quantia. Muito pouco. Mas quando eu vi ele lá, eu fiquei muito feliz.* |
| **22’17’’** | Imagem Cristovão Pinheiro | **Fala:** *Mãe a gente sabe né, que não sai do nosso lado. Mas a minha eu acho que em momento nenhum. Ela dorme, e ao invés dela pensar nela. Ela pensa em mim.* |
| **22’30’’** | Imagem Constancia Pinheiro | **Fala:** *Enquanto eu tiver aguentando, tiver com minha saúde, eu to a ponto de ajudar ele, né. Porque ele é um filho exemplar. Não tem o que queixar. Ele é muito gente fina comigo.* |
| **22’49’’** | Imagem Cleonice Pinheiro | **Fala:** *Hoje a gente vê ele, não acredita né, mas admira também. Como eu falo pra ele sempre que a gente conversa. Eu falo: “Olha San, porque eu chamo ele de San, Cristovão Santiago, mas a gente chama ele de San”. Você é o exemplo.* |
| **23’06’’** | Imagem Elves Bos Matozzo | **Fala:** *Aprendi muito com ele, ele sabe muito. Ele é muito inteligente. Fora a dedicação, a perseverança dele.* |
| **23’13’’** | Imagem Gerson Nunes | **Fala:** *Olha, o Cristovão pra mim representa o Culturismo de Cuiabá. Foi um dos destaques de Cuiabá.* |

| | | |
|---|---|---|
| **23’47’’** | Imagem Ariana Guia<br>Texto: Ariana Cristina A. Guia<br>Subtítulo: Atleta Fisiculturista | *Igual antes dele o Daniel Rosati, porque na verdade o Daniel passou muita coisa pra ele. E hoje eu creio assim que ele ta começando também a fazer o que o Daniel sempre fez no início. Talvez o que falta ali seja interação. Talvez falta isso pra ele também, ajudar as pessoas que não tenham muito a oferecer pelo financeiro. Mas tem garra, tem umas coisas que suprem.*<br><br>**Fala:** *Ele é totalmente profissional. Ele entende, ele sabe o que ele faz. Pra mim aqui no Mato Grosso, nessa região, não existe ninguém melhor que ele. Ele é uma pessoa que não mede esforços pra poder ajudar o atleta. Se tem que fazer ele vai e faz. Ele incentiva. Parece que ele conhece tão bem os atletas dele, que ele sabe a hora certa que a pessoa está precisando de um incentivo. Acho que por ele ter passado por tudo isso, experiência é tudo. E ele passou. Então eu acho assim que ele é o melhor. E eu tenho uma admiração, um respeito e um carinho enorme por ele. E só tenho a agradecer a ele e a Deus por ter colocado esse profissional maravilhoso no meu caminho.* |
| **24’43’’** | Imagem Gerson Felipe | **Fala:** *O Cristovão pra mim é um atleta sensacional. Eu não me inspiro hoje num atleta nível internacional. Sou fã número 1 desse cara.* |
| **24’54’’** | Imagem Rafael Bordini | **Fala:** *A pessoa que eu sou hoje, o profissional que eu sou hoje. As portas que estão abertas pra mim hoje. O atleta que eu sou hoje. Ele foi o mentor de tudo isso. Não sei falar de mim sem falar dele.* |
| **25’11’’** | Imagem Kinssinger Alencastro | **Fala:** *Um cara que batalhou muito, ralou muito. E que hoje é um nome forte no Brasil inteiro. E que infelizmente as pessoas não dão valor. Esse é o cara. É o cara com quem eu aprendi muita coisa, é o* |

| | | |
|---|---|---|
| **25’55’’** | Sobe texto:<br>CRISTOVÃO PINHEIRO<br><br>1996<br>CAMPEÃO ESTADUAL<br>MATO GROSSO<br><br>1997<br>CAMPEÃO ESTADUAL<br>JUVENIL<br>COCHABAMBA<br><br>CAMPEÃO NACIONAL<br>BOLÍVIA<br><br>1998<br>CAMPEÃO ESTADUAL<br>SENIOR<br>COCHABAMBA<br><br>VICE CAMPEÃO NACIONAL<br>SENIOR<br>BOLÍVIA<br><br>1999<br>CAMPEÃO DO<br>CAMPEONATO ABERTO<br>BOLÍVIA<br><br>2004<br>CAMPEÃO ESTADUAL<br>MATO GROSSO<br><br>2007<br>CAMPEÃO ESTADUAL<br>MATO GROSSO<br><br>CAMPEÃO BRASILEIRO<br>BRASIL | *cara que eu venho lá de trás. Quando eu encontrei com ele, se ele bem lembrar, eu falei pra ele: “Eu quero ser igual a você, eu to aqui pra aprender com você”. Não sou ainda acho que 50% do que ele é. Mas foi o cara que fez eu vir pra esse mundo, eu chegar nesse mundo e estar aqui hoje. A parte de aprendizado, de treinamento. Eu falo pra todo mundo: “Ele foi minha base, ele foi meu alicerce”.*<br><br>**Será acrescentada música:**<br>Gonna Fly Now - Bill Conti |

| | | |
|---|---|---|
| | 2008<br>CAMPEÃO SULAMERICANO<br>SUZANO<br><br>16º COLOCADO<br>CAMPEONATO MUNDIAL<br>BAHREIN<br><br>2009<br>VICE CAMPEÃO<br>SULAMERICANO<br>PERU<br><br>9º COLOCADO<br>CAMPEONATO MUNDIAL<br>CATAR<br><br>2010<br>CAMPEÃO COPA ELITE<br>BRASIL<br><br>CAMPEÃO BRASLEIRO<br>OVERALL<br><br>2011<br>CAMPEÃO BRASILEIRO<br>OVERALL<br><br>CAMPEÃO SULAMERICANO<br>OVERALL<br><br>2012<br>CAMPEÃO BRASILEIRO<br><br>CAMPEÃO ARNOLD<br>CLASSIC MADRI<br><br>2014<br>VICE CAMPEÃO<br>BRASILEIRO<br><br>VICE CAMPEOÃO MUNDIAL<br><br>CAMPEÃO SULBRASILEIRO<br>OVERALL | |